

Annora Roberts

a escrever como J.D.Robb

traição mortal

Tradução de Ana Mendes Lopes

A presente obra respeita as regras do Novo Acordo Ortográfico.



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido.

EVE DALLAS
FICHEIRO DE PESSOAL

Nome: Eve Dallas

Nacionalidade: Americana

Patente: Tenente de Homicídios, Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque

Nascimento: 2028

Altura: 1,75 m

Peso: 54 quilogramas

Olhos: Castanhos-dourados

Cabelo: Castanho-claro

Número de Identificação: 5347BQ

Serviço: Começou treino para agente policial na Academia em 2046, com 18 anos.

Família: Entre os oito e os dez anos de idade, Eve viveu numa casa de acolhimento enquanto os seus pais eram procurados. Eve foi encontrada sem qualquer identificação, sem memória e traumatizada, tendo sido vítima de agressão sexual.

Motivo de Eve para ser polícia: “É quem eu sou. Não se trata apenas de alguém ter de fazer este trabalho, embora as coisas sejam como são. Mas eu tenho de fazer este trabalho.”

Os esqueletos sangram perante o assassino.

— ROBERT BURTON

Por vezes encontramos honra por entre ladrões.

— SIR WALTER SCOTT

Estava a acontecer um assassinato.

No exterior das janelas protegidas com painéis de privacidade e cerca de quarenta e seis pisos abaixo da morte, a vida continuava — ruidosa, desconhecadora e irritável.

Nova Iorque estava no seu melhor naquelas agradáveis noites de maio, quando as flores explodiam em toda a sua beleza ao longo das avenidas e se espalhavam nos carros dos vendedores. O aroma que libertavam quase ultrapassava o fedor dos tubos de escape produzido pelo trânsito terrestre e aéreo que enchia as estradas e as vias aéreas.

Os peões andavam apressados, deambulavam, ou saltavam para as passeadeiras deslizantes, dependendo do seu estado de espírito. Mas muitos faziam-no em mangas de camisa ou com as t-shirts de cores néon que eram a novidade da estação, naquela bonita primavera de 2059.

Os carrinhos ambulantes vendiam bebidas gasosas com os mesmos tons violentos e o vapor dos cachorros-quentes de soja elevava-se alegremente no perfumado ar noturno.

Aproveitando a luz do entardecer, os jovens dançavam e saltitavam nos campos desportivos públicos, treinando agradavelmente com bolas, arcos e tacos. Em Times Square, o negócio das casas de vídeos estava parado, já que os clientes preferiam concentrar as suas atividades nas ruas. Mas as lojas de artigos sexuais e os locais de reunião continuavam animados.

Na primavera, ainda eram muitos os que preferiam virar-se para a pornografia.

Os autocarros aéreos transportavam clientes para o Centro Comercial Aéreo e os anúncios iam desfilando a sua interminável tagarelice, tentando encaminhar ainda mais compradores para as zonas comerciais.

Comprem e sejam felizes. E amanhã? Comprem mais.

Os casais jantavam ao ar livre ou demoravam-se nas bebidas antes da refeição, falando de planos, do maravilhoso tempo, ou dos detalhes das suas vidas quotidianas.

A vida pulsava, florescia e crescia na cidade, ao mesmo tempo que lá em cima, outra vida era tirada.

Ele não sabia o nome dela. Não tinha qualquer importância o rótulo que a mãe lhe dera quando entrou neste mundo a choramingar. Importa-

va-lhe ainda menos o nome que, chorosa, levava consigo enquanto ele a expulsava do mundo.

O que interessava era que ela estava lá. No sítio certo, à hora certa.

Tinha entrado para fazer o turno noturno da Suite 4602. Ele esperou, com grande paciência, e ela não demorou muito.

Usava o uniforme preto com um elegante avental branco próprio do pessoal de limpeza do Hotel Palácio. O cabelo estava cuidado, como seria de esperar de uma das funcionárias do melhor hotel da cidade. Era brilhante, castanho e estava apanhado junto à nuca com um travessão preto simples.

Ela era jovem e bonita, o que lhe agradava. Embora ele tivesse procedido da mesma maneira se ela tivesse noventa anos e fosse feia.

Mas o facto de ser jovem e suficientemente atraente, com o rosto moreno e os olhos escuros, tornaria a tarefa que tinha em mãos um pouco mais agradável.

Ela tocara à porta, naturalmente. Duas vezes, com uma ligeira pausa entre os toques, conforme ditavam os procedimentos. Assim, dera-lhe tempo para ele se esconder no generoso guarda-roupa do quarto.

Quando abriu a porta com o cartão de acesso, chamou.

— Limpeza — disse, naquela voz ritmada e melodiosa que as pessoas na sua profissão usavam para anunciar a entrada nos quartos que na maior parte das vezes estavam vazios.

Atravessou o quarto e dirigiu-se primeiro à casa de banho, carregando toalhas lavadas para substituir aquelas que o ocupante, registado como James Priory, podia ter usado desde que dera entrada no hotel.

Enquanto arrumava a casa de banho, cantarolou um pouco, uma música alegre para lhe fazer companhia. *Assobia enquanto trabalha*, pensou ele do seu posto no guarda-roupa. Podia aproveitar o facto.

Esperou até que ela voltasse ao quarto, depois de amontoar as toalhas usadas no chão da casa de banho, que apanharia depois. Esperou até ela se encaminhar para a cama e acabar de dobrar a colcha de cor azul.

Ela tinha orgulho no seu trabalho, reparou ele enquanto a observava a formar um longo triângulo com os lençóis no canto esquerdo da cama.

Bem, ele também tinha.

Agiu com rapidez. Antes que se abatesse sobre ela, ela viu apenas um borrão indistinto pelo canto do olho. Gritou, longa e sonoramente, mas os quartos do Palácio eram à prova de som.

Ele queria que ela gritasse. Iria ajudá-lo a atingir a disposição certa para desempenhar a tarefa que ali o levava.

Ela agitou os braços, tentando alcançar o comunicador que trazia no

bolso do avental. Ele limitou-se a torcer-lhe o braço atrás das costas, apertando-o com força até que o grito dela se tornou num gemido de agonia.

— Não podemos permitir isto, pois não? — perguntou ele, tirando-lhe o comunicador e atirando-o para longe. — Não vais gostar do que vai acontecer — disse-lhe. — Mas eu vou, e, no fim das contas, isso é que importa.

Prendeu um braço em volta do pescoço dela, levantando-a do chão — ela era baixa, mal pesava quarenta e cinco quilos — até que a falta de oxigénio a deixou inerte.

Ele tinha uma seringa de pressão com tranquilizantes potentes para usar como recurso, mas numa mulher tão pequena não ia ser necessário.

Quando a libertou e ela caiu de joelhos no chão, esfregou as mãos e sorriu brilhantemente.

— Música — ordenou e os sons crescentes de uma ária de *Carmen* que já tinha programado no sistema de entretenimento inundaram o quarto.

Maravilhoso, pensou, inspirando profundamente, como se pudesse inalar as notas musicais.

— Muito bem, vamos lá ao trabalho.

Assobiou enquanto a espancou. Murmurou enquanto a violou. E quando a estrangulou, já estava a cantar.

A morte tinha muitas camadas. Uma morte violenta acrescentava mais algumas. O trabalho dela era procurar por entre as camadas e encontrar uma causa. Na causa, encontrava a justiça.

Qualquer que fosse o modo com que o assassinato fosse cometido, a sangue-frio ou não, ela jurara perseguir-lo até à sua raiz, e servir os mortos.

Naquela noite, a Tenente Eve Dallas da Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque não estava a usar o seu distintivo. Assim como a arma de serviço e o comunicador, o distintivo estava guardado na elegante bolsa de seda do tamanho da palma da mão que Eve considerava embarçosamente frívola.

Não estava vestida como uma polícia, mas usava um vestido brilhante em tons pêssego que caía sobre o seu corpo alto e esguio, com um dramático decote em V nas costas. Uma fina corrente de refulgentes diamantes adornava-lhe o pescoço. Nas orelhas, que fora recentemente convencida a furar, levava mais brilhantes.

Mais ainda estavam espalhados como gotas de chuva pelo cabelo castanho curto, o que a fazia sentir-se ligeiramente ridícula.

Por muito elegante que a seda e os diamantes a fizessem parecer, os seus olhos continuavam a ser inteiramente os de um polícia. Castanhos-claros e frios, perscrutavam o sumptuoso salão de baile, observavam os rostos, os corpos e consideravam as medidas de segurança.

As câmaras encastradas no elegante estuque do salão por cima das suas cabeças não tinham qualquer obstáculo, eram poderosas e ofereciam uma visão completa do espaço. Os digitalizadores sinalizariam qualquer convidado ou funcionário que levasse consigo armas ocultas. E no meio dos funcionários, a serpentear por entre as conversas enquanto ofereciam bebidas, andavam meia dúzia de experientes seguranças profissionais.

A ocasião exigia convite e os convites continham um selo holográfico que era examinado à entrada.

O motivo para estas precauções, e outras, era um valor estimado em quinhentos e setenta e oito milhões de dólares em joias, obras de arte e recordações atualmente em exibição por todo o salão de baile.

Cada um dos expositores estava cuidadosamente disposto para causar o maior impacto e era guardado por sensores de campo individuais que mediam o movimento, a temperatura, a luz e o peso. Se algum dos convi-

dados ou funcionários tivesse bicho-carpinteiro nos dedos e tentasse tirar um brinco que fosse do seu lugar exato, todas as saídas seriam fechadas e trancadas, os alarmes soariam e uma segunda equipa de agentes, escolhidos escrupulosamente por entre uma força de elite da Polícia de Nova Iorque, seria chamada a juntar-se à segurança privada presente no local.

Para a mente um pouco cínica de Eve, todo aquele aparato era uma tentação idiotamente elaborada para apelar a demasiadas pessoas, numa área demasiado grande, numa exposição demasiado pública. Mas era difícil discutir a disposição elegante das coisas.

Na verdade, aquele tipo de elegância era exatamente o que esperava de Roarke.

— Então, Tenente? — A pergunta, feita com um tom de divertimento numa voz que carregava o ar nebuloso da Irlanda, chamou a sua atenção para o homem.

Na verdade, tudo em Roarke chamava a atenção de uma mulher.

Os olhos dele, do azul mais pecaminoso, destacavam-se num rosto que fora esculpido num dos melhores dias de Deus. Enquanto a observava, a boca de poeta de Roarke, a mesma que muitas vezes lhe dava vontade de se debruçar para uma rápida dentada, curvou-se, uma das sobranceiras negras elevou-se e os dedos compridos percorreram possessivamente o braço despido de Eve.

Estavam casados há quase um ano e aquele tipo de toque inesperado e íntimo ainda lhe alterava a pulsação.

— Mas que festa — disse ela, transformando o débil sorriso dele num enorme e devastador sorriso rasgado.

— É, não é? — Com a mão ainda levemente pousada no braço dela, Roarke passou os olhos pelo salão.

O cabelo dele era negro como a meia-noite e caía-lhe quase até aos ombros, no que Eve considerava o seu aspeto de selvagem guerreiro irlandês. Acrescentando a isto a constituição alta e musculada num elegante fato negro, obtinha-se uma combinação diabólica. Era evidente que muitas outras mulheres presentes no salão concordavam com isto. Se Eve fosse uma mulher ciumenta, teria sido obrigada a dar umas boas tareias só por causa dos olhares atrevidos e ávidos disparados na direção do seu marido.

— Estás satisfeita com a segurança? — perguntou-lhe Roarke.

— Continuo a achar que fazer isto num salão de baile de um hotel, ainda que o hotel seja teu, é arriscado. Tens centenas de milhões de dólares em tralha espalhados pela sala.

Roarke estremeceu ligeiramente.

— Tralha não será exatamente a expressão que pretendemos alcançar com os nossos esforços publicitários. A coleção de arte, joias e recordações

de entretenimento de Magda Lane é indiscutivelmente uma das melhores que alguma vez esteve em leilão.

— Sim e ela vai ganhar uma pipa de massa com ele.

— Espero honestamente que sim, uma vez que por tratar de todos os detalhes de segurança, exibição e leilão, a Indústrias Roarke vai ganhar uma bela fatia do bolo.

Roarke também estava a examinar o salão e apesar de ser tudo menos polícia, observava, media e estudava todos os aspetos que a mulher já examinara.

— O nome dela é o suficiente para levar a base de licitação para lá do valor verdadeiro das coisas. Acho que é seguro prever que quando isto acabar, o valor obtido será o dobro do valor real, o que vai completar a tal fatia.

Impressionante, pensou Eve, *impressionante*.

— Achas que as pessoas vão pagar quinhentos milhões para comprar as coisas de outras pessoas?

— Conservadoramente e antes de considerar os fatores sentimentais.

— Jesus Cristo. — Eve só conseguia abanar a cabeça. — Isto são apenas coisas. Espera. — Levantou uma mão. — Esqueci-me com quem estava a falar. Com o rei das coisas.

— Muito obrigado, querida. — Roarke decidiu não mencionar que tinha em vista comprar algumas daquelas coisas para si e para a mulher.

Levantou um dedo. Um funcionário apareceu imediatamente ao seu lado com um tabuleiro cheio de copos de cristal com champanhe. Roarke pegou em dois e deu um a Eve.

— Agora, se já acabaste de observar as minhas medidas de segurança, talvez consigas divertir-te um pouco.

— Quem disse que não estou a divertir-me? — Mas sabia que não estava ali como polícia e sim como mulher de Roarke. Isso significava misturar-se com as pessoas, ombro com ombro. E a pior das torturas humanas segundo a sua opinião: conversas de circunstância.

Porque conhecia a cabeça dela tão bem como conhecia a sua própria, Roarke pegou-lhe na mão e deu-lhe um beijo.

— Tu és tão boa para mim.

— E não te esqueças disso. Muito bem. — Bebeu um encorajante gole de champanhe. — Com quem é que tenho de conversar?

— Acho que devíamos começar pela senhora mais importante. Deixa-me apresentar-te a Magda. Vais gostar dela.

— Atores — resmungou Eve.

— Os preconceitos são tão pouco atraentes. De qualquer maneira — começou por dizer Roarke enquanto a guiava através do salão, — a Magda Lane é mais do que uma atriz. É uma lenda. Este evento marca o seu

quinquagésimo ano no ramo, ramo esse que muitas vezes mastiga e cospe aqueles que sonham com ele. Ela sobreviveu a todas as tendências, todos os estilos e todas as mudanças na indústria do cinema. É preciso mais do que talento para conseguir fazê-lo. É preciso ter garra.

Eve nunca tinha visto Roarke tão próximo do deslumbramento. E fê-la sorrir.

— Gostas muito dela, não gostas?

— Completamente. Quando era miúdo e vivia em Dublin, houve uma noite em particular em que precisei de fugir das ruas. Isto porque tinha roubado várias carteiras e outras bugigangas que as pessoas guardam nos bolsos e a polícia andava atrás de mim.

Os lábios que Eve se esquecera de pintar para a ocasião fizeram uma careta.

— Vocês, rapazes.

— Bem, seja como for, entrei por acaso num cinema. Tinha oito anos, mais ou menos, e resignei-me a assistir a um drama qualquer de época, imaginando que ia aborrecer-me de morte. Ali sentado às escuras, vi pela primeira vez Magda Lane, a fazer de Pamela em *Pride's Fall*.

Gesticulou para a vitrina que exibia um vestido de baile branco, comprido, que brilhava por baixo de uma tempestade de pedras de gelo. A réplica androide da atriz girava em graciosos círculos, fazia delicadas vénias e fluuava como um brilhante leque branco.

— Como diabo conseguia ela andar com aquilo vestido? — questionou-se Eve. — Parece pesar uma tonelada.

Roarke teve de se rir. Era mesmo próprio de Eve ver a inconveniência do vestido em vez do seu encanto.

— Pelo que me disseram, são quase quinze quilos de vestido. Eu bem disse que ela tinha garra. De qualquer maneira, a primeira vez que a vi no grande ecrã, estava a usar aquele vestido. E durante uma hora esqueci-me onde estava, quem era, que tinha fome e que se os meus bolsos não estivessem suficientemente recheados, o mais certo era levar um murro na cara quando chegasse a casa. Ela fez-me viajar para fora de mim. É uma coisa muito poderosa.

Evitou ser interrompido, oferecendo simplesmente um sorriso ou um aceno na direção das pessoas que o chamavam.

— Naquele verão vi o *Pride's Fall* mais quatro vezes, e paguei para o ver. Bem, pelo menos a primeira vez. Depois disso, sempre que precisava de me ausentar de mim, ia ao cinema.

Eve segurava agora a mão dele, conseguindo visualizar o rapazinho que Roarke fora, sentado no escuro, transportado para longe pelas imagens tremeluzentes do grande ecrã de cinema.

Aos oito anos, Roarke descobrira um mundo novo, longe da miséria e violência daquele em que vivia.

E aos oito anos, pensou Eve, Eve Dallas acabara de nascer como uma menina demasiado traumatizada para se recordar do que acontecera na sua vida anterior.

Não era quase a mesma coisa?

Eve reconheceu a atriz. Nos dias que corriam, Roarke já não ia ao cinema — a não ser que as suas salas de exibição privadas contassem — mas tinha guardadas em disco as cópias de milhares de filmes. Tinha visto mais filmes com ele no último ano do que em todos os restantes trinta da sua vida.

Magda Lane estava vestida de vermelho. Um vermelho vivo que pintava o corpo estonteante e voluptuoso como uma obra de arte. Aos sessenta e três anos, estava agora a entrar na meia-idade. E tanto quanto Eve podia observar, aproximava-se desta etapa da vida com um rosnado. Aquela senhora não era matrona nenhuma.

O cabelo era da cor do trigo maduro e caía-lhe sobre os ombros despidos em ondulantes espirais. Os lábios, cheios e luxuriantes como o resto do corpo, estavam pintados com o mesmo tom de vermelho do vestido. A pele, pálida como leite, não tinha rugas e era adornada unicamente por um sinal colocado mesmo no canto exterior de uma das formidáveis sobrançelas.

Por baixo das sobrançelas escuras em relação ao cabelo, estavam olhos de um verde feroz e penetrante. Pousaram em Eve com frieza, medindo-a como só uma mulher mede outra, depois viraram-se para Roarke e aqueceram como dois sóis.

Estava rodeada de gente e, atirando-lhes simplesmente um sorriso, afastou-se do grupo com as mãos estendidas.

— Meu Deus, como estás deslumbrante.

Roarke segurou-lhe nas mãos, beijando-as.

— Era exatamente o que eu ia dizer. Está deslumbrante, Magda, como sempre.

— Sim, mas é esse o meu trabalho. Agora tu já nasceste assim. Que filho da mãe com sorte. E esta deve ser a tua mulher.

— Sim. Eve, esta é Magda Lane.

— Tenente Eve Dallas. — A voz de Magda era como o nevoeiro, rasteira e cheia de segredos. — Há muito que a queria conhecer. Fiquei devastada por não poder estar presente no casamento, no ano passado.

— De qualquer maneira, parece que se aguentou.

As sobrançelas de Magda ergueram-se e os olhos começaram a brilhar com apreço.

— Sim, parece que sim. Roarke, deixa-nos. Quero conhecer melhor a tua adorável e fascinante mulher. E tu és uma distração demasiado grande.

Magda mandou-o embora com um aceno da mão esguia. A luz trespassou o diamante do anel do dedo anelar como a cauda de um cometa antes de enfiar amistosamente o braço no de Eve.

— Agora, vamos lá encontrar um lugar onde uma dúzia de pessoas não insista em falar connosco. Não há nada mais entediante que uma conversa de circunstância, não acha? Claro que pensa que é exatamente numa dessas conversas que está prestes a ser encurralada, mas asseguro-lhe que não pretendo ter qualquer conversa circunstancial. Deverei começar por lhe dizer que uma das minhas grandes mágoas é que aquele seu marido ridiculamente atraente tenha idade para ser meu filho?

Eve deu por si sentada a uma mesa no canto mais recuado do salão de baile.

— Não vejo por que motivo esse facto teria impedido qualquer um dos dois.

Com uma gargalhada encantada, Magda agarrou dois copos de champanhe, depois afugentou o empregado.

— A culpa foi minha. Criei uma regra em como nunca ia ter um amante com mais de vinte anos de diferença de mim, fosse mais velho ou mais novo. E mantive-me fiel a ela. Com grande pena minha. Mas... — Parou para beber um gole, observando Eve. — Não era sobre o Roarke que queria falar, mas sobre si. Você é exatamente o tipo de mulher por quem achei que ele se apaixonaria, quando chegasse a altura certa.

Eve engasgou-se com o vinho, pestanejando.

— É a primeira pessoa a dizer *isso*. — Debateu-se consigo própria durante um instante e depois desistiu. — Porque o diz?

— Você é bastante atraente, mas ele não se terá deixado cegar pelo seu aspeto. Acha isto divertido — comentou Magda, acenando com aprovação. — Ótimo. Um bom sentido de humor é essencial quando se lida com qualquer homem, principalmente um homem da natureza de Roarke.

No entanto, o aspeto dela era verdadeiramente agradável, matutou Magda. Não glamoroso nem estonteante, mas agradável, com uma boa estrutura óssea, olhos cristalinos e uma covinha interessante no centro de um queixo forte.

— O seu aspeto pode tê-lo atraído, mas não foi isso que o enfeitiçou. Questiono-me sobre isso, visto que Roarke tem interesse, e afeição, pela beleza. Por isso, eu que tenho algum interesse e afeição pelo homem, segui as notícias que surgem a seu respeito.

Eve inclinou a cabeça, num gesto quase de desafio.

— E passei no exame?

Divertida, Magda contornou o rebordo do copo com um dedo de unha vermelha, depois levou-o aos lábios igualmente atrevidos e bebeu um gole.

— Você é uma mulher inteligente, determinada que não só se er-gueu pelo seu próprio pé mas que também o usa para dar uns pontapés aos traseiros que precisem de ser pontapeados. É uma mulher física com inteligência e uma expressão nos olhos que, quando percorrem a sala num evento como este, dizem: “Mas que grande disparate. Esta gente não tem nada melhor para fazer?”

Intrigada, Eve também observou Magda. Havia mais ali, percebeu, do que uma mulher frívola que gostava de brincar ao faz-de-conta.

— A senhora é psicóloga ou atriz?

— Ambas as profissões requerem alguns elementos sólidos uma da outra — disse, voltando a parar e bebendo um novo gole. — O meu palpite é que você não queria, não quer, saber do dinheiro dele para nada. E isso deve tê-lo deixado intrigado. Também não a estou a ver a cair-lhe aos pés. Se o tivesse feito, o mais provável era que ele a tivesse levantado e brincado consigo durante uns tempos. Mas não a teria guardado para si.

— Eu não sou um dos seus malditos brinquedos.

— Não, claro que não é. — Desta vez Magda ergueu o copo num brinde. — Ele está perdidamente apaixonado por si e é adorável observá-lo. Agora, fale-me como é ser uma mulher na Polícia. Nunca fiz o papel de nenhuma. Já desempenhei papéis de mulheres que abandonam a lei para proteger o que é seu, mas nunca o de mulheres que trabalhem dentro da lei para proteger os outros. É excitante?

— É um trabalho. Tem os seus altos e baixos, como qualquer outro.

— Duvido que seja como qualquer outro. Você resolve assassinatos. Nós... os civis, acho que posso usar este nome, não podemos evitar achar todo o processo, incluindo o assassinio, fascinante.

— Isso é porque não estão no papel do morto.

— Exatamente. — Magda atirou a magnífica cabeça para trás e deu uma sonora gargalhada. — Oh, gosto de si! Fico tão contente. Não quer falar do seu trabalho, compreendo. As pessoas de fora acham o meu trabalho excitante, glamoroso. Quando é apenas um trabalho. Tem os seus altos e baixos como qualquer outro.

— Conheço uma grande parte do seu trabalho. Julgo que Roarke tem todos os seus filmes em disco. Gosto daquele em que faz de vaqueira manipuladora que se apaixona pela sua vítima. Acho-o engraçado.

— *Chicote e Engodo*. Sim, era engraçado. O Chase Conner foi o meu coprotagonista nesse filme e também me apaixonei por ele. Também foi

engraçado, enquanto durou. Estou a leiloar agora o vestido que usei na cena do cocktail.

Olhou em redor do salão, observando as suas coisas com divertimento, coisas que outrora tinham sido vitais para a sua vida.

— Deve conseguir alcançar um bom valor e ajudar a erguer a Fundação Magda Lane para as Artes Performativas. São tantos pedaços de uma carreira, de uma vida que daqui a não muito tempo chegará ao seu fim.

Virou-se, observando uma exposição disposta como um quarto de vestir de uma senhora, com uma camisa de noite brilhante, uma caixa de joias aberta com fios e pedras gloriosamente espalhadas por cima de uma refulgente cómoda.

— É um bonito pedaço de feminilidade, não acha?

— Sim, se gostarmos desse tipo de coisas.

Magda voltou a virar-se, a sorrir.

— A certa altura, gostava desesperadamente daquele tipo de coisas. Mas, uma mulher inteligente não sobrevive a uma carreira inconstante como a de atriz sem se reinventar regularmente.

— E o que é agora?

— Sim, sim — murmurou Magda. — Gosto muito de si. As pessoas perguntam-me por que motivo estou a fazer isto, porque estou a abrir mão de tantas das minhas coisas. Sabe o que lhes respondo?

— O quê?

— Que pretendo viver e trabalhar durante muito tempo. Que tenho tempo suficiente para voltar a colecionar mais coisas. — Voltou a dar uma gargalhada enérgica, voltando-se mais uma vez para Eve. — E é verdade, mas há mais um motivo. A Fundação é um sonho meu, um que acarinho bastante. A representação foi muito boa para mim. Gostaria de transmitir o que sei, enquanto ainda por aqui ando e sou suficientemente jovem para o poder apreciar. Doações, bolsas de estudo, instalações de que os novos atores possam desfrutar. Dá-me gosto que um jovem ator ou diretor possa ter um começo de carreira através de uma oportunidade em meu nome. É uma vaidade.

— Não acho que seja vaidade. Acho um sinal de sabedoria.

— Oh. Agora ainda gosto mais de si. Ah, ali está o Vince, a arregalar-me os olhos. É o meu filho — explicou Magda. — Ele está a lidar com os meios de comunicação social e a acompanhar a segurança de toda esta extravagância. É um jovem tão exigente — acrescentou, fazendo sinal para o outro lado da sala. — Sabe Deus onde foi buscar essa característica em particular. Enfim, é a minha deixa para regressar ao trabalho. — Levantou-se. — Vou estar em Nova Iorque nas próximas semanas. Espero que possamos ver-nos novamente.

— Seria muito agradável.

— Ah, Roarke, um sentido de oportunidade perfeito. — Magda virou-se para sorrir para ele quando Roarke se encaminhou para a mesa. — Uma vez que o dever me chama, tenho de abandonar a tua adorável mulher. Fico à espera de um convite para jantar muito em breve, para que possa passar mais tempo com os dois e deliciar-me com uma daquelas espetaculares refeições que o teu mordomo arranja. Como é que ele se chama?

— Summerset — disse Eve, com os lábios a enroscarem-se.

— Sim, isso mesmo. Summerset. Em breve — disse, beijando ambas as faces de Roarke, antes de deslizar pelo salão fora.

— Tinhas razão. Gostei mesmo dela.

— Sabia que ias gostar. — Enquanto falava, começou a guiá-la suavemente em direção à saída. — Lamento ter de interromper o teu serão, mas tivemos um problema.

— Um problema com segurança? Alguém tentou esgueirar-se com os bolsos cheios de bugigangas?

— Não. Não tem nada a ver com roubos e tudo a ver com um assas-sinato.

Os olhos de Eve mudaram. De mulher para polícia.

— Quem é que morreu?

— Pelo que me disseram, uma das camareiras. — Continuou a agarrar-lhe o braço e levou-a até ao conjunto de elevadores. — Está na torre sul, piso quarenta e seis. Não conheço ainda os detalhes — acrescentou logo de seguida, antes que ela o interrompesse. — O chefe da segurança do hotel acabou de me informar do sucedido.

— Já contactaram a Polícia?

— Já te contactei, não é verdade? — Com um olhar sombrio, esperou que o elevador subisse pelo interior da torre sul. — A segurança sabia que eu estava no hotel e que tu estavas comigo. Decidiram informar-me — e a ti também — primeiro.

— Está bem, não fiques irritado. Ainda nem sequer sabemos se é um homicídio. As pessoas estão sempre a chamar assassinatos a mortes não assistidas. A maior parte é fruto de acidentes ou causas naturais.

No instante em que saiu do elevador, os olhos de Eve transformaram-se em duas brechas semicerradas. Havia demasiada gente no corredor, incluindo uma camareira histérica com o uniforme do hotel, imensos homens de fatos e várias pessoas que eram obviamente hóspedes que tinham saído dos seus quartos para ver qual era o motivo da agitação.

Levou a mão à pequena e frívola bolsa, tirou o distintivo e segurou-o no ar enquanto avançava.

— Polícia de Nova Iorque, desimpeçam o local. Os senhores, regres-

sem aos vossos quartos, qualquer pessoa que trabalhe na segurança do hotel mantenha-se a postos. E alguém cuide desta mulher. Quem é o chefe da segurança?

— Sou eu. — Um homem alto de pele cor de café e uma cabeça rapada e reluzente como um espelho deu um passo em frente. — John Bringham.

— Bringham, fique comigo. — Uma vez que Eve não tinha consigo o Código Mestre, gesticulou para a porta.

Quando ele a abriu, Eve entrou e observou a zona da sala de estar.

Era sumptuosa, cheia de mobiliário elegante a toda a volta, incluindo um bar completo. E tão bem arrumada como uma igreja. Os painéis de privacidade das generosas janelas estavam ligados e as luzes no máximo.

— Onde está ela? — perguntou Eve a Bringham.

— No quarto, à esquerda.

— Quando chegaram ao local, a porta estava aberta ou fechada como está agora?

— Quando aqui cheguei, estava fechada. Mas não sei dizer se estava assim antes. Quem a encontrou foi a Sra. Hilo, da Limpeza.

— Era a senhora que estava no corredor?

— Exatamente.

— Muito bem, vamos ver o que temos ali. — Avançou até à porta e abriu-a.

A música inundou o espaço. As luzes também estavam ligadas no máximo e brilhavam com dureza sobre o corpo deitado na cama, como se fosse uma boneca partida que para ali fora atirada por uma criança mimada.

Um dos braços estava torcido num ângulo impossível, o rosto em carne viva e enegrecido pela tarefa violenta que levava e a saia do uniforme estava levantada até à cintura. O fino arame prateado que fora usado para a estrangular estava profundamente enterrado na carne, como um esguio e mortífero colar.

— Julgo que podes excluir as causas naturais — murmurou Roarke.

— Sim. Bringham, além de si e da camareira, quem mais esteve nesta suite desde que o corpo foi encontrado?

— Mais ninguém.

— Aproximou-se do corpo, tocou em alguma coisa a não ser na porta?

— Sei bem quais são os procedimentos, Tenente. Também já fui polícia — Departamento de Chicago, Divisão Anti-Crime. Servi durante doze anos. Quem me avisou foi a Hilo. Estava a gritar pelo seu comunicador. Cheguei ao quarto em dois minutos. Ela tinha fugido para a base no quadragésimo piso. Entrei na suite, aproximei-me aqui da ombreira da porta e

determinei através de observação visual que a vítima estava morta. Ciente de que Roarke estava nas instalações, e na sua companhia, contactei-o imediatamente, depois fechei a suite, mandei chamar Hilo e esperei pela vossa chegada.

— Agradeço, Brigham. Uma vez que já trabalhou nisto, sabe quantas vezes um local do crime já foi corrompido por pessoas que só querem ajudar. Conhecia a vítima?

— Não. A Hilo chamou-lhe Darlene. Pequena Darlene. Foi a única coisa que lhe consegui arrancar.

Eve estava a observar a cena, mantendo-se afastada dela e calculando os passos que tinham levado ao assassinato.

— Podia fazer-me um enorme favor e levar Hilo para um local calmo e privado onde não possa falar com mais ninguém a não ser consigo, até a mandar chamar. Vou mandar fechar o local. Não quero entrar no quarto antes de me poder proteger convenientemente.

Brigham levou a mão ao bolso e tirou um estojo em miniatura com o protetor.

— Pedi a um dos meus homens para me trazer isto aqui acima. E um gravador também — acrescentou, entregando-lhe um gravador de colarinho. — Achei que era capaz de não os ter consigo.

— Bem pensado. Importa-se de ficar um pouco com Hilo?

— Eu cuido dela. Pode contactar-me quando quiser falar com ela. Entretanto, vou deixar um par de homens à porta até a sua equipa de análise chegar.

— Obrigada. — Eve agitou distraidamente a lata de protetor. — Por que motivo largou a profissão?

Brigham sorriu pela primeira vez.

— O meu atual patrão fez-me uma proposta dos diabos.

— Aposto que fizeste — disse Eve para Roarke, quando Brigham saiu do quarto. — Ele tem uma boa cabeça, bons olhos.

Começou a pulverizar os sapatos, depois decidiu que ficava bastante melhor sem eles. Depois de os descalçar, pulverizou os pés, as mãos e entregou a lata e o gravador a Roarke.

— Preciso que graves o local do crime. — Pegou no comunicador e ligou-o.

— O nome dela é Darlene French — disse Roarke, lendo o ficheiro que tinha descarregado no seu dispositivo portátil. — Trabalhava aqui há pouco mais de um ano. Tinha vinte e dois anos.

— Lamento. — Eve tocou-lhe no braço e esperou que ele dirigisse os olhos acalorados e furiosos para os dela. — Agora sou eu quem vai cuidar dela. Liga o gravador, está bem?

— Sim, está bem. — Roarke guardou o dispositivo no bolso e ligou o gravador de colarinho.

— A vítima foi identificada como Darlene French, do sexo feminino, de vinte e dois anos, empregada como camareira no Roarke Hotel Palácio. Homicídio aparente, no mesmo local, Suite 4602. Presente e investigadora principal, Dallas, Tenente Eve. Também presente e a atuar como assistente temporário, encarregue da gravação deste ficheiro, Roarke. Já foi enviada notificação.

Eve aproximou-se do corpo.

— O local do crime denota muito poucos sinais de luta, mas o corpo revela equimoses e ferimentos consistentes com espancamento violento, principalmente na zona do rosto. O padrão dos salpicos de sangue demonstra que o espancamento foi administrado quando a vítima se encontrava caída na cama.

Voltou a olhar em redor do quarto e viu o comunicador caído no chão mesmo no exterior da casa de banho.

— O braço direito está partido — continuou. — Outras equimoses nas coxas e área vaginal da vítima indicam violação pré-morte.

Gentilmente, Eve levantou uma das mãos inertes. Desejando ter com ela uns micro-óculos, examinou a mão com cuidado. — Tenho um pedaço de pele aqui — murmurou. — Conseguir deitar-lhe as mãos, não foi, Darlene? Que bom para si. Por baixo das unhas da vítima temos pele e possivelmente cabelo e fibras.

Meticulosa, foi avançando pelo corpo acima. O uniforme continuava abotoado na zona do peito.

— Ele não se incomodou com grandes preliminares. Não lhe rasgou as roupas nem se deu ao trabalho de as tirar. Limitou-se a bater-lhe, a partir-lhe o corpo e a violá-la. Foi usado um arame fino, aparentemente de prata, como garrote, para estrangular a vítima. As extremidades do fio foram cruzadas à frente e depois torcidas em pequenas espirais, indicando que o assassino a estrangulou enquanto olhava para ela, quando estava em cima da vítima, caída. Filmaste de todos os ângulos? — perguntou a Roarke.

— Sim.

Com um aceno, Eve levantou a cabeça da vítima, inclinando a sua para conseguir ver a parte de trás do arame.

— Filma isto — pediu. — Pode deslocar-se um pouco quando a virarmos. O arame não está partido na parte de trás e o sangramento é mínimo. Ele só o usou depois de acabar de a espancar, depois de acabar de a violar. Enquanto estava sentado em cima dela — disse, semicerrando os olhos para imaginar melhor a cena. — Um joelho de cada lado. Nesta altura, ela

não estava a dar grande luta, se é que deu alguma. Ele limitou-se a enrolar o arame em volta do pescoço dela, cruzou-o à frente, depois puxou, em direções opostas. Não deve ter demorado muito tempo.

Mas ela devia ter arqueado as costas, o corpo reagindo instintivamente para aliviar o peso, com a garganta a arder com o arame e os gritos de dor e terror encurralados. O coração teria batido descompassado e o ruído de uma tempestade no mar teria explodido nos seus ouvidos devido à falta de oxigénio.

Os calcanhares a bater no colchão, as mãos a tentar agarrar o ar. Até que o sangue começou a explodir na sua cabeça, atrás dos olhos, e o coração frenético se rendeu.

Eve recuou. Não havia muito mais que pudesse fazer sem um estojo de campo.

— Preciso de saber em que nome estava registado este quarto. Qual era a rotina de limpeza. E vou precisar de falar com Hilo — acrescentou, enquanto se encaminhava para o guarda-roupa, olhando lá para dentro. — Também seria útil que pudesse entrevistar todos os funcionários que a conheciam bem. — Verificou a cómoda. — Não há roupas. Nem sequer um pedaço de tecido. Um par de toalhas usadas que ela deve ter deixado cair ou que simplesmente pousou no chão quando saiu da casa de banho. *Estava* alguém registado neste quarto?

— Vou descobrir. Queres que encontre o parente mais próximo?

— Sim — disse Eve com um suspiro. — Marido, se era casada. Namorados, amantes, ex-namorados. Nove em cada dez vezes é o que se descobre num homicídio sexual. Mas acho que este é o décimo. Não há nada de pessoal nisto, nada íntimo ou passional. Ele não estava zangado, nem particularmente envolvido.

— Não há nada de íntimo na violação.

— Pode haver — corrigiu Eve. E ela sabia disso melhor do que a maior parte das pessoas. — Quando o agressor e a vítima se conhecem, quando há uma espécie qualquer de história — nem que seja apenas uma fantasia da parte do agressor, isso leva à intimidade. Isto foi a frio. Ele limitou-se a entrar e sair. Aposto que passou mais tempo a bater-lhe do que a violá-la. Alguns homens gostam mais de bater. São os seus preliminares.

Roarke desligou o gravador.

— Eve, entrega o caso a outra pessoa.

— O quê? — Pestanejou e regressou ao presente. — Por que motivo havia de fazer isso?

— Não te obrigues a passar por isto. — Roarke tocou-lhe no rosto. — Magoa-te.

Eve reparou que ele estava a ser cuidadoso, não mencionando o pai

dela. Os espancamentos, as violações, o terror que tinha vivido até aos oito anos de idade.

— Todos eles nos magoam se os deixarmos — disse simplesmente, virando-se mais uma vez para Darlene French. — Não vou entregá-la a mais ninguém, Roarke. Não posso. Ela já é minha.

A suite estava registada no nome de um James Priory de Milwaukee. Tinha dado entrada naquela tarde às três e vinte e reservado o quarto com três semanas de antecedência, planeando uma estadia de duas noites.

O pagamento do quarto e qualquer outro consumo devia ser feito através do cartão de crédito, que tinha sido registado e verificado na altura da entrada no hotel.

Na sala de estar da suite, enquanto as equipas de análise e verificação do local do crime trabalhavam, Eve viu as gravações do disco de segurança que Brigham lhe enviara.

O registo da entrada no hotel revelou que Priory era um homem mestiço, possivelmente com quarenta e muitos anos, envergando um fato escuro de corte conservador próprio de um homem de negócios bem-sucedido que podia pagar uma suite dispendiosa num hotel dispendioso durante um par de noites. Tinha um aspeto oneroso, reparou Eve.

Mas por baixo do fato elegante e do cabelo bem cortado, também viu um rufia.

Ele era corpulento, de peito largo e pesava com facilidade o dobro da sua vítima. As mãos eram quadradas, os dedos compridos e grossos. Os olhos tinham a cor da sujidade que se formava nas poças das ruas em janeiro. Um cinzento frio e sujo.

O rosto também era quadrado, com um nariz grosso e uma boca fina. O cabelo castanho-escuro, cuidadosamente cortado e a ficar grisalho nas têmporas, dava a Eve uma ideia de afetação. Ou de disfarce.

O homem não fez qualquer tentativa para ocultar o rosto, conseguiu até sorrir para a funcionária da receção antes de deixar que o pacote o encaminhasse até ao elevador.

Trazia uma única mala.

No disco seguinte, Eve viu o pacote a abrir-lhe a porta do quarto e recuar para Priory entrar primeiro. De acordo com os registos, não tinha voltado a sair da suite antes de cometer o assassinato.

Usou o AutoChefe da pequena cozinha para preparar uma refeição — um bife, mal passado, batatas brancas, cozidas, um pão, café e cheese-cake — em vez de contactar o serviço de quartos.

O bar da sala tinha sido ligeiramente consumido, algumas nozes de macadâmia e uma bebida sem gás.

Nada de álcool, Eve reparou. Estava de cabeça límpida.

O disco seguinte mostrava Darlene French a empurrar o seu carrinho de limpeza até junto da porta do 4602.

Era uma rapariga bonita com um uniforme elegante, sapatos modestos e uma expressão sonhadora nos grandes olhos castanhos. A sua estatura era delicada. As mãos eram pequenas e brincavam com o pequeno coração de ouro preso num fio fino, igualmente de ouro, que tirou de dentro da blusa.

Tocou à porta, esfregando distraidamente as costas, depois voltou a tocar. Colocou o coração e o fio novamente dentro da blusa. Só depois fez deslizar o código de acesso que tirou do bolso do avental na ranhura, pressionando o polegar no leitor ótico. Abriu a porta, chamou alegremente e depois reuniu toalhas lavadas no carrinho.

Fechou a porta atrás de si às oito e vinte e seis da noite.

Às oito e cinquenta e oito, Priory saiu do quarto, com a mala e as toalhas na mão. Fechou a porta atrás de si, deitou calmamente as toalhas no carrinho antes de o contornar. Depois caminhou lentamente — como um homem que não tinha qualquer preocupação neste mundo — até à porta que dava para as escadas.

Demorara apenas trinta e dois minutos a espancar, violar e matar Darlene French.

— Uma cabeça límpida — disse Eve em voz alta. — Uma cabeça fria e límpida.

— Tenente?

Eve abanou a cabeça e levantou uma mão no ar para deter a assistente mais um instante.

Peabody comprimiu os lábios e esperou. Há um ano que trabalhava nos Homicídios com Eve e acreditava entender o ritmo da tenente.

Os seus olhos, quase tão negros quanto o cabelo que lhe ficava um pouco acima do queixo, dirigiram-se para o ecrã onde Eve continuava a observar a imagem parada de um assassino.

Parece mau, pensou Peabody, mas não disse nada.

— O que tens para mim? — perguntou Eve passado um bocado.

— Priory, James, executivo de vendas na Companhia de Seguros Alliance, com sede em Milwaukee. Morreu a 5 de janeiro deste ano. Acidente veicular.

— Bem, este tipo está bem vivo. Há alguma coisa suspeita no acidente veicular de Priory de Milwaukee?

— Ao que parece, nada, chefe. O relatório diz que o condutor de um camião-jato se despistou, levando Priory e outro condutor consigo. Temos uma série de outros Priory em Milwaukee, mas este foi o único James que apareceu.

— Não é preciso continuar a procurar pelo nome. Este tipo tem cadastro em algum lado. Tenho a certeza. Liga para a casa do Feeney. Envia-lhe a imagem do disco e pede-lhe que a faça correr no CRIAC — o Centro de Recursos Internacionais para a Atividade Criminosa. É um trabalho da Divisão Eletrónica e o CRIAC é a sua base de dados de eleição. Ele vai encontrar este tipo mais depressa que qualquer outra pessoa. — Verificou a unidade de pulso. — Quero falar com a Hilo. Já deve conseguir ser mais coerente agora. Onde está o Roarke? — perguntou, olhando em redor da sala de estar.

Peabody endireitou os ombros e olhou diretamente para a parede oposta.

— Não sei dizer.

— Raios partam. — Eve saiu com passadas largas e perguntou ao guarda da porta. — Hilo?

— Está no 4020, Tenente.

— Ninguém entra neste quarto sem um distintivo. Ninguém.

Caminhou até ao elevador e carregou no botão. O facto de Roarke ter saído do local do crime significava apenas uma coisa: estava a tramar alguma.

A boa notícia era que Hilo já conseguia realmente falar de modo coerente. Estava pálida, tinha os olhos vermelhos, mas estava calmamente sentada na sala de estar de uma das suites mais pequenas do hotel. À sua frente, em cima da mesa, tinha um bule de chá, na mão, uma chávena, que pousou assim que Eve entrou.

— Sra. Hilo, eu sou a Tenente Dallas da Polícia de Nova Iorque.

— Sim, sim, eu sei. O Roarke explicou-me que queria que esperasse aqui por si com o Sr. Brigham.

Eve disparou um olhar para Brigham, que continuou a olhar fixamente com aparente fascínio para o quadro da parede mais afastada.

— O Roarke explicou-lhe? — repetiu Eve.

— Sim, ele veio há pouco aqui à suite. Foi ele mesmo quem mandou vir o chá. É mesmo dele. É um homem adorável.

— Sim, é um verdadeiro amor. Sra. Hilo, falou com mais alguém a não ser com o Sr. Brigham e com Roarke desde que está aqui à minha espera?

— Oh não. Disseram-me para não o fazer. — Olhou com toda a confiança para Eve, com olhos cor de noz inchados. — Sra. Roarke...

— Dallas. — Eve não rugeu os dentes, mas esteve lá perto. — Tenente Dallas.

— Oh, sim. Claro. Desculpe, Tenente Dallas, queria pedir desculpa também por ter feito uma cena daquelas quando... há bocado — acabou

de dizer e inspirou, trémula. — Parecia que não conseguia parar. Quando encontrei a pobre pequena Darlene... parecia que não conseguia parar.

— Não faz mal.

— Não, não. — Hilo levantou as mãos. Era uma mulher pequena, mas de constituição robusta. O tipo de mulher que Eve sempre achara que continuava a marchar com genica, mesmo depois de os magricelas corredores de longas distâncias desmaiarem em campo. — Eu limitei-me a sair a correr e a deixá-la lá, deixei-a lá naquele estado. Eu sou responsável, sabe? Das seis à uma, a responsável sou eu e limitei-me a fugir dela. Nem sequer lhe toquei, nem a cobri.

— Sra. Hilo.

— Hilo, apenas. — Conseguiu oferecer um sorriso tímido que só fez com que o seu rosto cansado parecesse mais triste. — O meu nome é Natalie Hilo, mas toda a gente me chama apenas Hilo.

— Muito bem, Hilo. — Eve sentou-se e decidiu não ligar logo o gravador. — Fez exatamente o melhor que se pode fazer numa situação destas. Se lhe tivesse tocado, se a tivesse tapado, teria contaminado o local do crime. Isso faria com que fosse mais difícil para mim encontrar a pessoa que lhe fez mal. Encontrá-lo e certificar-me de que paga pelo que fez.

— Foi o que o Roarke disse. — Os olhos dela voltaram a encher-se de lágrimas, mas Hilo tirou um lenço do bolso e secou-os bruscamente. — Ele disse isso mesmo e que a Tenente ia encontrar a pessoa horrível que lhe fez uma coisa destas. Ele disse que a Tenente não ia parar de procurar até o encontrar.

— É isso mesmo. Pode ajudar-me e à Darlene também. Brigham, pode deixar-me a sós com Hilo?

— Claro. Pode entrar em contacto comigo no canal noventa do transmissor do hotel.

— Vou gravar a nossa conversa a partir de agora — disse Eve quando ficaram sozinhas, — está bem?

— Sim. — Hilo fungou e endireitou-se. — Estou pronta.

Eve pousou o gravador em cima da mesa. Recitou os detalhes da entrevista.

— Vamos começar com o seu relato sobre o que aconteceu. Por que motivo foi à Suite 4602?

— A Darlene estava atrasada no trabalho. Quando a limpeza da noite está acabada em cada quarto ou suite, a camareira carrega no Código Cinco do seu transmissor. Isto ajuda-nos a manter um registo do pessoal e dos quartos que estão arrumados. Embora o objetivo seja a eficiência, também é uma medida de segurança para proteger os hóspedes e os funcionários.

Suspirou um pouco e voltou a pegar na chávena de chá.

— O tempo de limpeza varia entre dez a vinte minutos, dependendo do tamanho do quarto e da velocidade da camareira em questão. Claro que damos algum tempo de margem. É muito frequente o estado dos quartos ser tal que necessitam de mais tempo para serem arrumados. Ficaria espantada, Tenente, verdadeiramente espantada ao ver como algumas pessoas tratam um quarto de hotel. Faz-nos pensar em que condições viverão nas suas casas.

Abanou a cabeça.

— Bem, de qualquer maneira. Neste momento estamos particamente lotados, por isso andávamos muito atarefados. Nem reparei que a Darlene não tinha inserido o código da Suite 4602. Passaram-se quarenta minutos, mais coisa, menos coisa. É muito tempo, mas a suite é grande e a Darlene era lenta. Não que não fosse boa funcionária, que era, mas tinha tendência para fazer as coisas devagar.

Hilo começou a contorcer as mãos.

— Não devia ter dito que ela era lenta. Não devia ter dito isso. Queria dizer meticulosa. Ela era tão boa rapariga. Uma menina tão doce. Todos a adorávamos. Só que ela demorava um pouco mais de tempo que o resto do pessoal a acabar os seus quartos. Gostava de ficar com os quartos maiores, gostava de cuidar de coisas bonitas.

— Não faz mal, Hilo, eu compreendo. Ela tinha orgulho no seu trabalho e certificava-se de que ficava bem feito.

— Sim. — Hilo pressionou uma mão contra os lábios e acenou com a cabeça. — Era exatamente assim.

— O que fez quando reparou que ela não tinha dado o sinal?

— Oh. — Hilo estremeceu novamente. — Dei-lhe um toque pelo comunicador. A regra é que a camareira deve dar um toque de volta ou contactar a base através da ligação interna. De vez em quando um dos hóspedes pode deter ou atrasar uma camareira, pedindo mais toalhas ou outra coisa qualquer. A política do Palácio é servir primeiro os hóspedes, mesmo que queiram apenas conversar um pouco, porque estão longe de casa e sentem-se sós. Isto perturba o andamento do serviço, mas somos um hotel que privilegia o serviço.

Pousou novamente a chávena de chá.

— Dei mais cinco minutos à Darlene, depois dei-lhe um novo toque. Quando não me respondeu, fiquei irritada. Tenente, fiquei aborrecida com ela e agora...

— Hilo. — Eve não conseguia contar as vezes que tinha visto e ouvido aquele tipo de culpa infeliz num sobrevivente. — Foi uma reação natural. A Darlene jamais a culparia por isso. Nesse momento não a pôde ajudar, mas pode ajudá-la agora. Conte-me o que puder contar.

— Sim, está bem. Sim. — Hilo inspirou profundamente e expirou devagar. — Sim. Como disse, estávamos muito ocupados. Dirigi-me à suite para a apressar. Estava com esperanças de que o transmissor dela tivesse algum problema. Não é muito frequente, mas já aconteceu antes. Depois vi o carrinho no corredor e fiquei muito aborrecida.

Teve de parar por um instante, recordando-se de como planeara dar um grande ralhete a Darlene.

— Toquei à porta e usei o código de acesso. Vi que a sala estava bem arrumada. Depois encaminhei-me diretamente para o quarto e abri a porta.

— A porta estava fechada?

— Sim, sim, tenho a certeza porque me recordo de me fazer anunciar quando a abri. E foi nesse momento que a vi, coitadinha, vi-a lá deitada na cama. Tinha o rosto todo inchado e sovado; tinha sangue em volta do pescoço e na gola do uniforme, assim como gotas na colcha que ela tinha dobrado. Ela tinha estado a fazer o trabalho dela, sabe?

— Então ela tinha feito a cama — interrompeu Eve. — Qual teria sido a primeira tarefa que desempenhou depois de entrar na suite?

— Depende. Toda a gente tem a sua própria rotina, mais ou menos. Julgo que a Darlene gostava de arrumar primeiro a casa de banho, tirar as toalhas usadas e substituí-las por toalhas lavadas. Depois verificava a cama. Alguns hóspedes exigiam que se mudasse toda a roupa de cama, se tivessem feito uma sesta ou... se tivessem utilizado a cama de qualquer modo. Se fosse esse o caso, ela tirava a roupa de cama toda e levava-a juntamente com as toalhas para o carrinho, pegava em roupa nova e daí em diante. Tomaria nota da troca no inventário do carrinho de serviço. Mais uma vez por uma questão de eficiência. E para evitar que os funcionários roubem. Compreende?

— Sim. Pelo que pôde observar, ela tinha acabado de fazer a cama. A música estava ligada. Teria sido ela a ligar o sistema de entretenimento?

— Sim, talvez. Mas nunca naquele volume. Se o hóspede não estiver no quarto durante a limpeza da noite, a camareira programa o sistema de entretenimento de acordo com as exigências do hóspede, ou então se não foram feitas quaisquer exigências, coloca-o numa estação clássica. Mas sempre num volume discreto.

— Talvez pretendesse baixar o volume antes de sair do quarto.

— A Darlene gostava de música moderna — disse Hilo, conseguindo sorrir. — A maior parte dos funcionários jovens gosta. Ela nunca teria colocado aquela música para sua própria diversão — era ópera, não era?

— Muito bem. — *Então ele matou-a ao som da ópera*, pensou Eve. *Para sua própria diversão.* — E depois?

— Depois fiquei imóvel, simplesmente imóvel. E lembro-me de voltar

a fugir, batendo com a porta atrás de mim com toda a força. Até a ouvi bater por baixo dos gritos. Corri para a porta da frente e bati com essa também. E como não conseguia fazer com que as minhas pernas se mexessem mais, fiquei ali, com as costas encostadas à porta, ainda a gritar quando chamei a segurança.

Hilo quebrou um pouco, comprimindo as mãos contra o rosto.

— As pessoas saíram dos quartos e começaram a correr pelo corredor. Foi tudo tão confuso. O Sr. Brigham chegou e entrou lá dentro. As coisas começaram a ficar um pouco embrulhadas na minha cabeça, até que ele me trouxe aqui e disse para eu me deitar. Só que não fui capaz. Por isso fiquei aqui sentada a chorar até que o Roarke cá veio e me arranjou um chá. Quem pode ter feito mal a uma menina tão doce? Quem?

Eve esperou, sem responder a uma pergunta que ainda não tinha uma resposta completa, enquanto Hilo se balançava para trás e para a frente até acalmar novamente.

— A Darlene fazia sempre a limpeza naquela suite em particular?

— Sempre não, mas era habitual. Tradicionalmente, cada camareira recebe dois pisos que mantém à sua responsabilidade até termos um turno excepcional. Desde que acabou o estágio que a Darlene tinha os pisos quarenta e cinco e quarenta e seis.

— Sabe se tinha algum envolvimento com alguém? Um namorado?

— Sim, acho que sim... Oh, há tantos jovens no pessoal e andam sempre a ter romances. Não sei se me lembro bem... Barry! — Respirando subitamente com alívio, Hilo quase sorriu.— Sim, tenho a certeza que ela tinha um jovem chamado Barry. Ele é pacote aqui. Lembro-me porque ela ficou muito contente quando ele conseguiu mudar para o turno da noite. Assim iam ter mais tempo para estarem juntos.

— Sabe o último nome dele?

— Não, lamento. Ela ficava sempre tão contente quando falava dele.

— Algum desentendimento ultimamente?

— Não e acredite em mim, teria ouvido se existisse. Quando um deles se zanga com os namorados ou namoradas, *toda* a gente fica a saber disso. Tenho a certeza que... Oh, oh. — A cor que lhe tinha aflorado ao rosto voltou a desaparecer. — Não acha que ele... Tenente, da maneira que a Darlene falava dele, parecia que era mesmo um bom rapaz.

— É apenas uma pergunta de rotina, Hilo. É que vou querer falar com ele. Para descobrir se ele tem alguma ideia de quem possa ter feito mal à Darlene.

— Compreendo. Claro.

Ambas as mulheres olharam quando a porta se abriu e Roarke entrou.

— Peço desculpa. Estou a interromper?

— Não. Já acabámos por enquanto. Posso ter de voltar a falar consigo — disse Eve a Hilo enquanto se levantava. — Mas agora pode ir embora. Posso providenciar alguém para a levar a casa.

— Já tratei disso — disse Roarke, atravessando a sala e segurando a mão de Hilo. — Está um motorista lá fora. Vai levá-la a casa. O seu marido já está à sua espera. Quero que vá direitinha a casa, Hilo, que tome um calmante e que vá para a cama. Fique em casa o tempo que precisar. Não quero que se preocupe com o trabalho até se sentir bem.

— Obrigada. Muito obrigada. Mas acho que o trabalho até é capaz de ajudar.

— Faça o que for melhor para si — disse Roarke enquanto a levava até à porta.

Hilo acenou com a cabeça, depois olhou novamente para Eve.

— Tenente, ela era uma menina inofensiva. Inofensiva. Quem quer que fez isto precisa de ser castigado. Não a vai trazer de volta, mas ele precisa de ser castigado. É tudo o que podemos fazer.

Era tudo, pensou Eve, mas nunca era o suficiente.

Esperou até Roarke acabar uma troca de palavras murmuradas com quem presumiu que fosse o motorista, e depois fechar a porta.

— Desapareceste para onde?

— Tinha uma série de coisas para tratar, providências para tomar. — Inclinou a cabeça. — De qualquer maneira, não gostas de ter civis nos teus locais do crime. Não havia muito que pudesse lá fazer.

— E tinhas muito que fazer noutra lugar?

— Quer um relatório das minhas atividades e localizações, Tenente? — Deixando a pergunta a pairar no ar, caminhou até ao bar frigorífico, abriu-o e tirou uma garrafa pequena de vinho branco.

Enquanto servia um copo, ocorreu a Eve que a maneira como lhe tinha feito a pergunta não fora muito simpática.

— Só não sabia onde estavas, mais nada.

— E o que andava a tramar — acrescentou ele. — Este hotel é meu, Tenente.

— Está bem, está bem, vamos lá voltar atrás. — Eve passou a mão pelo cabelo, enquanto ele bebia descontraidamente o vinho. — É a segunda vez no espaço de poucas semanas que um empregado teu é agredido num dos teus estabelecimentos. Isso é difícil. Claro que se considerarmos que és dono de metade da cidade...

— Só metade? — interrompeu-a Roarke, com um ligeiro sorriso. — Vou ter de falar com o meu contabilista.

— De qualquer maneira, podia estar aqui a dizer-te que isto não é pessoal e que não devias levar isto a peito, mas seria uma treta imensa,

porque tu levaste as coisas a peito. Compreendo isso e lamento o que aconteceu.

— Eu também. Pelo que aconteceu aqui e por estar quase ansioso de descarregar em cima de ti. Agora que essa diversão foi evitada, volto a dizer-te, tinha uma série de coisas para tratar. Sendo o evento que decorre lá em baixo uma delas.

Roarke ergueu o copo de vinho, mas como já estava à espera, Eve abanou a cabeça.

— O Palácio e o iminente leilão estão prestes a enfrentar uma crise de comunicação social — continuou Roarke. — Os jornalistas até salivam quando um assassinato tem lugar num hotel prestigiado e se acrescentares todo o poder mediático que temos lá em baixo, o resultado é uma história dos diabos. Isto precisa de ser contornado o mais depressa possível. E também queria certificar-me de que Hilo seria bem tratada.

— E fez toda a diferença — disse Eve calmamente. — As coisas vão ser mais fáceis para ela, porque te deste ao trabalho de a acompanhar.

— Ela trabalha comigo há dez anos. — E para Roarke não era preciso dizer mais nada. — As notícias já se espalharam pelo pessoal, por isso precisava de evitar algum pânico antes que este se instalasse. Há um jovem na equipa de paquetes, Barry Collins.

— Era o namorado dela.

— Sim. Está a ter grande dificuldade em aceitar o que aconteceu. Mandei levá-lo para casa. E antes que me batas por o ter feito — disse no mesmo instante em que Eve se preparava para falar, — à hora do crime ele estava com dois colegas paquetes, a tratar das bagagens de uma convenção médica que vamos ter em breve.

— E como sabes qual foi a hora do crime?

— O Brigham certificou-se de que eu fosse informado do conteúdo dos discos de segurança. Achaste que não ia fazê-lo?

— Não, não achei, mas continuo a ter de falar com o namorado.

— Esta noite não ias conseguir que te dissesse nada. — A voz dele estava mais suave, de uma maneira que parecia transformar qualquer palavra em música. — Ele tem vinte e dois anos, Eve, e estava apaixonado por ela. Está destroçado. Cristo — murmurou, quando a piedade o inundou. — Só queria a mãe. Por isso, foi para casa dela que o mandei.

— Muito bem. — Eve não podia discutir com ele. — O mais certo era ter feito a mesma coisa. Posso falar com ele depois.

— Presumo que já tenhas investigado o James Priority.

— Sim, e presumo que já sabes os resultados, por isso digo-te apenas que mandei procurá-lo no CRIAC. Ele vai estar no sistema. Esta não foi a sua primeira vez.

— Posso ter acesso às informações mais rapidamente que tu.

Pois podia, pensou Eve, em casa, na sua sala secreta com equipamento não registado.

— Por enquanto vamos fazer isto assim. Ele saiu daqui com a calma de um homem que sabe que tem um lugar confortável à sua espera. Vamos descobrir brevemente que lugar é esse. A verdadeira questão para mim é porquê. Ele veio aqui com uma intenção. A identidade falsa, o quarto reservado com antecedência, uma estadia de duas noites. Uma segurança temporal caso alguma coisa não corresse bem na primeira noite. Ele instalou-se no quarto e esperou por ela. Especificamente pela Darlene? Se a resposta for sim, temos outro porquê. Ou esperava por qualquer camareira? Mais um porquê. Posso conseguir esclarecer algumas destas dúvidas através do historial dele.

Mas aquilo perturbava-a.

— Ele não se ralou que o identificássemos. E isso baralha-me. A não ser que esteja redondamente enganada e não encontremos qualquer registo seu, não faz sentido que não tenha tomado mais precauções.

— Ele está a espetar-te o dedo, ou possivelmente a mim.

— Sim, às vezes é tão simples quanto isso. Tenho de ir a Nova Jérnia notificar o parente mais próximo antes de ir à Baixa entregar o relatório. Que tal se me desses boleia?

— Você espanta-me, Tenente — disse ele, surpreendido.

— Se calhar só quero manter-te debaixo de olho.

— Para mim é o suficiente. — Roarke pousou o copo de vinho e encaminhou-se para ela, segurando-lhe o rosto entre as mãos. Pressionou os lábios contra a testa dela. — Este caso vai ser difícil para ambos. Peço desculpa antecipadamente por alguma palavra mais dura que possa proferir antes de o encerrares.

— Está bem. — Casamento, pensou Eve. Era cá uma aventura. Como resposta, segurou o rosto dele com as mãos e deu-lhe um longo beijo na boca. — Isto é porque provavelmente vou proferir palavras ainda piores.

Os braços dele deslizaram em redor do corpo dela.

— Diz qualquer coisa má agora mesmo, mesmo má. Depois, e como já estamos num quarto de hotel, podemos fazer as pazes logo a seguir.

— Pervertido — disse Eve, empurrando-o com uma gargalhada.

— Ai. — Roarke seguiu-a até à porta e saiu com ela. — Isso vai custar-te caro, mais tarde.

Notificar o parente mais próximo era a parte mais miserável do trabalho de um polícia de homicídios. Com poucas palavras, cortavam pedaços de

vidas. Não importava como as pessoas se recompunham mais tarde, nunca mais voltavam a ser as mesmas. Quando algumas peças desapareciam do todo, o padrão ficava para sempre alterado.

Eve tentou não pensar nisto no caminho de regresso de Nova Jérсия, onde deixara a mãe e a irmã mais nova de Darlene French devastadas. Em vez disso, avançou para as etapas que lhes trariam justiça e não conforto.

— Se ocorressem mais crimes como este na cidade ou noutros distritos, eu teria ouvido falar deles. — Ainda assim, usou o computador de bordo do sofisticado carro de Roarke, 6000XXX, para pesquisar aquele tipo de crimes. — Temos estrangulamentos, temos violações e temos casos de agressão — começou por dizer.

— Bem, amo Nova Iorque.

— Pois, eu também. Somos doentes. De qualquer maneira, temos todos os elementos básicos espalhados por aqui e acolá nos últimos seis meses, mas nenhum que inclua os três. E nenhum com um arame de prata usado como garrote. Também nada dentro de um hotel. Mas o facto de o ter feito num hotel pode significar que já fez o mesmo noutras cidades, países e até fora do planeta. Vou alargar a busca quando...

Calou-se quando o comunicador da sua bolsa apitou.

— Dallas — respondeu.

— Não podes tirar uma maldita noite de folga?

Eve olhou para os olhos lamentosos de Feeney.

— Estava mesmo a trabalhar nisso.

— Pois, tens de trabalhar mais arduamente. Se conseguires uma, talvez nós também consigamos. Estava aqui todo recostado com uma garrafa de cerveja na mão, uma taça de lascas de queijo e o jogo dos Yankees a dar na televisão quando a Peabody me ligou.

— Desculpa.

— Pois, enfim, os filhos da mãe perderam com os esquisitoides dos Tijuana Tacos. Uma tristeza. — Feeney expirou, coçando o cabelo seco castanho-avermelhado, agora já a ficar grisalho. — De qualquer maneira, quando a Peabody me enviou a fotografia do vosso homem, a cara dele não me pareceu estranha. Inicialmente não o consegui situar com exatidão. Tive de o procurar no CRIAC apenas através daquela imagem de disco. Não havia impressões digitais. O pessoal da verificação disse que ele deve ter usado protetor. Mesmo assim, vamos arranjar o ADN dele, através do sangue e da pele que há debaixo das unhas da vítima, assim como do sêmen. O gajo não protegeu a pila.

— Pois, sei que vocês detestam vestir casacos ao vosso melhor amigo. Feeney ofereceu-lhe um sorriso azedo.

— Não me parece que ele esteja preocupado com o ADN. Na minha

opinião, só se protegeu para ganhar algum tempo para se realojar. Ainda demoramos algumas horas a conseguir os resultados do ADN.

— Tiveste algum resultado no CRIAC?

— Já lá vou. Então, estava a fazer a pesquisa, através da imagem. Andava à procura de encontrar pessoas parecidas através do trabalho de escultura facial. Brinquei um pouco com as características dele no sistema de morfologia e consegui obter uma fotografia bastante boa. Acrescentei a arma do crime e as coisas começaram a fazer sentido. Chama-se Sylvester Yost. Sly Yost. Tem uma carrada de identidades, mas o nome de nascença é este.

— Então Priory era uma das suas identidades?

— Não até agora. Mas juntei-a às restantes. De qualquer maneira, há cerca de quinze anos, trabalhei num caso de um estrangulador em série que usava um arame de prata. Deixou cinco vítimas, espalhadas pela porcaria do planeta todo. Tivemos uma em Nova Iorque. Do sexo feminino. Era acompanhante registada. Com uma licença de segunda categoria. Tinha ligações ao mercado negro. E o mesmo acontecia com as outras quatro vítimas. Embora a organização não fosse a mesma. Mas cada uma das vítimas era uma peça fundamental em qualquer esquema manhoso. Ainda apanhámos o rasto do Yost, mas nunca o conseguimos prender. Depois os assassinatos pararam e o caso ficou em águas de bacalhau.

— Será um assassino contratado?

— Foi o que pensámos, mas quem teria contratado aquele sacana? Ele atingiu todos os cartéis principais. Foi completamente imparcial. Ele aparece referenciado em nada menos que vinte estrangulamentos, antes e depois. E cumpriu pena nos anos trinta por agressão mortífera.

— Sim, eu sabia que ele já tinha visto o interior de uma cela. Só foi preso uma vez?

— Sim, só uma. Os registos mostram que tinha vinte anos quando a Polícia de Miami o deteve. Parece que com os anos melhorou o seu desempenho.

— Vou para a Central agora. Envia-me tudo o que tiveres sobre ele.

— Já envieí. Ainda vou trabalhar mais um pouco nisto. De manhã faço-te uma atualização. Gostava de uma segunda oportunidade para apanhar este tipo.

— Aqui a tens.

— Então falamos amanhã. Ouve, Dallas?

— O que foi?

— Que cenas são essas que tens no cabelo?

— Quais cenas? — Eve levou as mãos ao cabelo, enterrou os dedos e sentiu os pequenos diamantes em forma de lágrimas. — É só... eu estava

num evento. . . — Envergonhada, pigarreou. — Deixa lá isso — resmungou e cortou a transmissão.

O homem que nascera com o nome de Sylvester Yost, que estrangulara uma jovem camareira sob a identidade de James Priory e que atualmente andava com a identificação de Girogio Masini, bebeu o segundo copo de uísque puro enquanto via a gravação do jogo dos Yankees, naquela tarde.

Se fosse o tipo de homem que matava por razões pessoais, teria caçado o atirador dos Yankees para o esventrar como um peixe. Mas uma vez que o assassinio era um negócio, limitou-se a ficar ali sentado, a praguejar com uma voz surpreendentemente feminina.

Algumas pessoas já tinham feito piadas acerca do timbre agudo da sua voz. Se estivesse a trabalhar, ignorava-as. Mas se estivesse nos seus tempos livres, dava-lhes uma sova descomunal.

Mas até isso era simplesmente uma questão de princípio. Não era um homem passional, nem com as pessoas nem com os princípios. A falta de paixão fazia dele uma máquina assassina extraordinária.

O dinheiro relativo ao trabalho daquela noite já tinha sido depositado no banco, numa conta com outro nome. Não fazia ideia por que motivo a rapariga — porque na verdade não era mais do que isso — tinha sido marcada. Limitou-se a aceitar o contrato, a cumpri-lo e a pegar no seu dinheiro.

Aquele trabalho em particular estava apenas no início e prometia render-lhe uma quantia considerável. Uma vez que estava a ponderar reformar-se, a ponderar muito seriamente, aquilo dava-lhe oportunidade de construir um bom pé-de-meia.

Ao longo dos anos, o dinheiro que ganhara permitira-lhe desenvolver e apreciar um gosto refinado e cultivado. Tinha posses para obter o melhor, por isso estudara, experimentara e descobrira o que o melhor implicava.

Comida, bebida, arte, música, moda. Tinha viajado por todo o mundo e também para fora do planeta. Aos cinquenta e seis anos falava fluentemente três línguas, o que era outra ferramenta de trabalho fabulosa, e quando estava com disposição, sabia preparar uma refeição gourmet brilhante. Ainda melhor, tocava piano como um anjo.

Não tinha nascido em berço de ouro, mas o arame de prata que usava dava-lhe o requinte que lhe faltava.

Aos vinte anos, era apenas o ladrão menor que Eve identificara por baixo da sua faceta polida. Matava porque podia e era pago para isso.

Agora era um assassino com grandes conhecimentos, um artista por excelência que nunca desiludia os clientes que o contratavam e que deixava o seu selo pessoal em cada um dos alvos.

Dor — os espancamentos. Humilhação — as violações. O arame de prata. Assassinato com classe. Para Sly, era uma peça simples e limpa em três atos, em que apenas a localização e o coprotagonista variavam.

Ela era, sempre, a estrela do espetáculo.

Sly gostava de viajar e tinha vários álbuns cheios de postais que comprava enquanto viajava. De vez em quando percorria os álbuns, enquanto bebia um copo, sorrindo com as recordações dos locais onde fora e as bugigangas que lá recolhera.

A refeição que tomara em Paris naquele verão, depois de despachar o empresário eletrônico, a vista da janela do quarto de hotel numa noite chuvosa de Praga antes de estrangular o enviado americano.

Boas recordações.

Estava confiante que, embora aquele novo trabalho o mantivesse em Nova Iorque durante a duração de todo o espetáculo, também lhe daria acesso a muitas mais recordações valiosas.

De manhã, Eve estava sentada à secretária na Central de Polícia a rever os dados que Feeney lhe enviara na noite anterior. Com algumas horas de sono, os olhos frescos e três chávenas de café, deixou que se formasse na sua cabeça uma imagem de Sylvester Yost.

Era um criminoso profissional. Um assassino implacável filho de um contrabandista de segunda categoria que desaparecera, presumivelmente morto nas Revoltas Urbanas. Nasceu de uma doente mental diagnosticada que tinha predileção por assaltar carros e cortar os infelizes donos com uma ponta e mola. Morreu de overdose numa ala de recuperação quando o filho tinha apenas treze anos.

Aparentemente, Sly tinha decidido continuar com a tradição da família, mas com o seu próprio estilo de ação.

Eve tinha o cadastro de quando Sly era menor. Gostava de brincar com facas e cortara a orelha à assistente social que tratava do caso dele duas semanas depois de ter entrado no sistema. Tinha experimentado violar, agredindo uma das raparigas que vivia na mesma casa de acolhimento que ele e deixou-a em mau estado.

Mas encontrara a sua verdadeira vocação no estrangulamento, praticando aparentemente em pequenos cães e grandes gatos antes de evoluir para a espécie humana.

Aos quinze anos de idade, fugiu da casa de correção. Agora tinha cinquenta e seis. Dos quarenta e um anos anteriores, apenas um foi passado na prisão, mas era suspeito de quarenta e três assassinatos.

A informação sobre ele era escassa, não obstante os processos compilados pelo FBI, pela Interpol, pelo CRIAC e pela Central Global de Crimes Interplanetários.

O sujeito era suspeito de ser um assassino contratado que não tinha família viva, amigos, associados ou morada conhecidos. A sua habitual arma de eleição era um arame de prata esterlina. Mas as vítimas que se lhe atribuíam também tinham sido estranguladas manualmente, com lenços de seda e cordões de ouro.

Nos primeiros tempos, pensou Eve enquanto lia. Antes de se decidir pela sua assinatura característica.

As vítimas eram homens e mulheres, de todas as idades, raças e gru-

pos financeiros. A violência física, incluindo tortura e violação, era muitas vezes utilizada.

— És bom naquilo que fazes, não és, Sly? E aposto que não cobras pouco. — Eve recostou-se, observando a imagem de Yost no disco de segurança da receção do Roarke Hotel Palácio. — Quem raio te teria contratado para assassinar uma jovem camareira que vivia com a mãe e a irmã em Hoboken?

Levantou-se e caminhou pelo cubículo apinhado que era o seu escritório. Havia a possibilidade de ele ter cometido um erro, mas era muito reduzida.

Uma pessoa não durava quarenta e um anos naquele jogo de assassinatos ceifando a vida errada.

Logicamente, Yost tinha feito o que lhe pagaram para fazer.

Então, quem era Darlene French e a quem estava ela ligada?

A ligação a Roarke estava lá, não havia dúvidas, mas embora a morte lhe causasse alguma infelicidade pessoal e uma certa inconveniência profissional, não causava assim tantas ondas no imenso oceano que eram os negócios de Roarke.

De volta à vítima. Teria Darlene ouvido ou visto qualquer coisa, mesmo sem se aperceber de que a ouvira ou vira? Os hotéis eram lugares atarefados, com muitos negócios feitos sob os seus tetos.

Mas se a rapariga se tivesse deparado com alguma coisa, por que motivo a matariam de um modo tão óbvio e dramático? Teriam acabado com ela o mais discretamente possível.

Um acidente, um assalto que tinha corrido mal e toda a gente ficaria chocada e triste. A polícia dava uma vista de olhos, oferecia as suas condôlências. E acabava-se o assunto.

Embora esta teoria não a convencesse muito, Eve decidiu que precisava de regressar ao hotel para observar mais calmamente quem tinha ficado hospedado nas últimas semanas nos quartos que Darlene limpava.

Foi até à janela estreita e observou a insanidade daquela manhã. O tráfego terrestre e aéreo estava terrível. Um airbus passou pesadamente, a rebentar pelas costuras com tantos viajantes que não tinham o bom senso ou não se podiam dar ao luxo de trabalhar a partir das suas casas. Uma câmara de trânsito operada por um único homem pairou com um estalido que mais parecia uma tesoura por cima da hora de ponta, analisando, relatando e transmitindo para aqueles que já estavam a sofrer com os congestionamentos.

A comunicação social precisava de encher as horas de transmissão com alguma coisa, pressupôs Eve. Já tinha ignorado meia dúzia de chamadas dos jornalistas que esperavam conseguir um comentário ou furo sobre

o assassinato. Até ser obrigada pelo seu comandante a fazer uma declaração pública, ia deixar que Roarke tratasse da comunicação social.

Ninguém o fazia melhor que ele.

Ouviu o som inconfundível de sapatos de polícia a bater no chão de linóleo antigo e continuou a olhar pela janela.

— Chefe?

— Está uma mulher na passadeira deslizante aqui mesmo em frente com o regaço cheio de flores. Onde raio vai ela com tanta flor?

— O Dia da Mãe está a aproximar-se, Tenente. Pode ser que vá oferecer flores à mãe um pouco antes do tempo.

— Hmm. Quero investigar o namorado, Peabody. Barry Collins. Se considerarmos isto como um trabalho contratado, alguém tem de estar a entrar com o dinheiro. Não me parece que um pacote tenha o suficiente para pagar os honorários de Yost, mas pode ser o elo de ligação com alguém que tenha.

— Yost?

— Oh, desculpa. Não te pus ao corrente das atualizações. — Corrigiu o esquecimento de costas para o escritório e olhos postos no céu.

— O Capitão Feeny vai participar na investigação? Vai chamar também o McNab?

Eve olhou de relance por cima do ombro. Peabody estava a esforçar-se bastante para parecer descontraída, mas aquele rosto quadrado e honesto não tinha sido concebido para fazer *bluff*.

— Não há muito tempo, se falasse em chamar McNab para alguma investigação, começavas a choramingar e a resmungar.

— Não, chefe. Eu *teria* começado a choramingar e reclamar e depois tu fazias-me baixar a bolinha. No fim chorava e resmungava mentalmente.

— Peabody sorriu amplamente. — De qualquer modo, os tempos mudaram. McNab e eu damo-nos melhor agora, principalmente porque fazemos sexo um com o outro. Exceto...

— Oh, não. Não me contes essas coisas.

— Ia dizer apenas que ele anda um bocadinho esquisito.

— Se procurares McNab no dicionário, vais descobrir que esquisito é uma definição bastante comum.

— É um esquisito diferente — corrigiu Peabody, mas guardou a pequena indireta para usar contra ele na primeira oportunidade. — Ele é... bom. Mesmo bom. É querido e atencioso. Oferece-me flores. Acho que as anda a roubar do parque, mas mesmo assim. E ainda há alguns dias me levou ao cinema. Um filme para mulheres que eu tinha dito que queria ver. Ele detestou-o e certificou-se de que no fim do filme eu percebia isto, mas pagou os bilhetes e tudo.

— Oh, Cristo.

— Mas enfim. — Peabody parou de falar, soltando uma pequena gargalhada irônica enquanto a sua corajosa tenente de olhos frios soltava um grito e enfiava os dedos nos ouvidos.

— Não te consigo ouvir. Não te quero ouvir. Não *te* vou ouvir. Vai investigar o Barry Collins. Agora. É uma ordem.

Peabody limitou-se a mexer a boca.

— O quê?

— Eu disse, sim chefe — explicou Peabody quando Eve tirou os dedos dos ouvidos. Caminhou até à porta, avaliando o seu sentido de oportunidade. — Acho que ele está a preparar-me alguma — disse, fugindo logo de seguida.

— Eu é que ainda te preparo alguma — resmungou Eve, deixando-se cair atrás da secretária. — Gostava de vos preparar uma aos dois e depois dar-vos um grande pontapé no traseiro. — Uma vez que estava com disposição de chatear alguém, ligou para o laboratório para pressionar o chefe dos técnicos acerca da verificação do ADN.

Quando se encontrou com Feeney, já tinha provas conclusivas resultantes do ADN que confirmavam que o homem que violara e assassinara Darlene French era Sylvester Yost.

Quando Eve lhe disse, Feeney acenou com a cabeça, sentou-se na secretária dela e tirou o seu habitual pacote de frutos secos do bolso descaído do casaco enrugado.

— Nunca duvidei que fosse ele. Fiz uma pesquisa por crimes semelhantes. Não há nada nos últimos sete ou oito meses. Ele tem estado de férias.

— Ou alguém não queria que os corpos fossem encontrados. Alguma indicação de que ele age por conta própria? Motivos pessoais?

— Nada. — Feeney trincou uma noz. — O padrão favorece o lucro. Já pus o McNab a pesquisar os registos interplanetários e espaciais. Pode ser que se encontre alguma coisa.

— Vais chamar McNab à investigação?

O tom de voz de Eve fez Feeney erguer o sobrolho.

— Sim. Tens algum problema com ele?

— Não, não. Ele faz um bom trabalho. — Mesmo enquanto falava, Eve tamborilava com os dedos na secretária. — É só esta coisa entre ele e a Peabody.

Feeney curvou os ombros.

— Não quero pensar nisso.

— Pois, nem eu. — Mas se ela ia sofrer, então Feeney também sofreria. — Ele levou-a a ver um filme de mulheres.

— O quê? — Feeney empalideceu e a noz que tinha na boca quase rebolou pela língua fora. — Ele foi ver um filme de gajas? Levou-a ao cinema?

— Foi isso que eu disse.

— Oh, Cristo. — Levantou-se da secretária, dando uma rápida volta pelo escritório com as pernas curtas e arqueadas. — Já está, sabias? Isto é o fim. O rapaz já não tem remédio. Não tarda nada vai apanhar flores num jardim para lhe oferecer.

— Já apanhou.

— Não me contes estas merdas, Dallas. — Virou-se novamente, com olhos de basset hound, suplicantes. — Não metas estas coisas na minha cabeça. Não é já suficientemente mau eu saber que eles, enfim, se andam a despir um ao outro?

— Ninguém me dá ouvidos a respeito deste assunto. — Eve acenou com a cabeça, satisfeita por ter encontrado alguém que pensava como ela. — O Roarke acha que é querido.

— O Roarke não é obrigado a trabalhar com eles, pois não? — perguntou Feeney, irritando-se. — Não tem de fazer o trabalho dele sabendo que andam por aí a piscar os olhos e a fazer cócegas e sabe Deus mais o quê. Achei que ela andava de olho naquele tipo dos LC, o Monroe.

— Pois, anda com os dois ao mesmo tempo.

Feeney puxou uma pele nos lábios, voltou a sentar-se e ofereceu o pacote de frutos a Dallas.

— Mulheres.

— Sim, que diabo se passa com elas? — Sentindo-se consideravelmente melhor, Eve comeu uma mão-cheia de frutos secos. — Então, já pus a Peabody a investigar o namorado. Não me parece que encontremos alguma coisa, mas quando tivermos os dados dele, vou mandar chamá-lo e interrogá-lo. Neste momento, estou a evitar falar com a comunicação social. Deixei o Roarke a tratar disso. Vou voltar ao local do crime e pesquisar um pouco pelo hotel. Estou à espera que o relatório de análise toxicológica da French chegue dentro de uma hora. Acho que vai estar limpo, mas nunca se sabe o que as pessoas andam a fazer.

— Principalmente as pessoas do sexo feminino — resmungou Feeney, ainda a maturar.

— Pois. Os pais de French divorciaram-se há mais ou menos oito anos. Ele chama-se Harry D. French, vive atualmente no Bronx com a segunda mulher. Tens tempo para puxar esse fio e dar uma vista de olhos aos dados dele? Se foi um assassinato contratado, talvez tenha sido uma vingança qualquer dirigida a ele.

— Vou investigá-lo imediatamente. E a mãe?

— Sherry Tides French. Investiguei-a ontem à noite. É gerente de uma loja de doces no Centro de Transportes de Newark. Tem o cadastro limpo. Não estou a ver que tenha sido uma coisa feita para a atingir.

Eve atirou o pacote dos frutos secos de volta a Feeney, levantou-se e pegou no casaco que estava no cabide.

— Uma vez que chamaste o McNab, que tal colocá-lo a investigar o arame? Vamos ver se consegue descobrir onde o compra. As análises devem chegar do laboratório ainda antes do meio-dia.

— Está bem, vou encarregá-lo disso, para o manter ocupado. Quero manter a cabeça dele concentrada no trabalho.

— É assim mesmo. — Eve vestiu o casaco e saiu.

A primeira paragem de Eve foi o gerente do hotel. Solicitou as cópias dos discos com os dados dos hóspedes, com os registos dos atuais funcionários do hotel e de qualquer funcionário que tivesse sido demitido ou que se tivesse despedido no último ano.

Antes que pudesse começar a sua lengalenga sobre como deviam ajudar a investigação da Polícia, e a possibilidade de arranjar um mandado, entregaram-lhe um ficheiro selado com tudo o que pedira.

Disseram-lhe que o pessoal fora instruído por Roarke para colaborar a cem por cento com ela e para lhe dar qualquer informação que Eve solicitasse.

— Foi fácil — comentou Peabody, enquanto entravam no elevador para o quadragésimo sexto andar.

— Sim, ele tem andado bastante ocupado. — Eve deu uma palmadinha no ficheiro que levava na mão aberta, depois entregou-o a Peabody.

Digitou o código da Polícia ao chegar à porta e entrou no quarto.

— Como se passam algumas horas num hotel, enquanto se espera para matar alguém? Aprecia-se a vista, vê-se um pouco de televisão, come-se qualquer coisa. Ele não fez nem recebeu qualquer transmissão na linha fixa do quarto, no fax ou no computador. Talvez o tenha feito no dispositivo pessoal — matutou, cirandando pela sala de estar. — Deu entrada, há provas de que esteve aqui.

Virou-se para a cozinha, observou o balcão, agora sujo com o pó usado pela equipa de investigação. No lava-loiça estava uma pilha ordenada de pratos.

— Usou o AutoChefê às seis. Muito antes do turno de limpeza da noite. Uma boa hora antes do início. O mais provável era que conhecesse a rotina, que este quarto em particular costumava ser arrumado por

volta das oito da noite. Deve ter verificado o calendário de eventos do hotel, por isso sabia que estava a decorrer uma festa importante, que se aproximava uma convenção e que outra estava a meio. O hotel estava praticamente lotado, por isso a limpeza não ia chegar cedo. Bem, vamos lá comer um bife.

Eve aproximou-se do lava-loiça.

— Provavelmente comeu em frente à televisão, no sofá, ou na mesa de jantar. Não ia desperdiçar um lugar elegante como este comendo em pé na cozinha. Depois comeu sobremesa, bebeu café e deu uma palmadinha na barriga. Trouxe os pratos para a cozinha e colocou-os ordenadamente dentro do lava-loiça. Está habituado a tomar conta de si, a arrumar aquilo que desarruma. Não gostava que os pratos sujos ficassem à vista.

Observou a maneira como o garfo e a faca estavam alinhados ao lado do prato, como o prato de sobremesa, a chávena e o pires estavam colocados por cima. Formavam uma pequena pirâmide.

— O mais certo é viver sozinho. Pode até nem ter um criado droide. Não vive em hotéis, pelo menos não durante o tempo todo. Quem vive com empregados à volta, não levanta os pratos da mesa.

Peabody acenou com a cabeça.

— Ontem à noite reparei numa coisa. Esqueci-me de o mencionar.

— Em quê?

— Sabes as ofertas que os hotéis como este têm sempre para os seus hóspedes? Os produtos de casa de banho — sabonetes e champôs elegantes, cremes, sais para banhos de espuma? Ele levou-os consigo. — Sorriu para o olhar especulativo de Eve. — Há muitas pessoas que os levam, mas a maior parte delas não está à espera para matar alguém, ou não acabaram de o fazer.

— Bem visto. Então ou ele é frugal ou gosta de recordações. E quanto às toalhas, roupões, aqueles chinelos que colocam ao lado da cama à noite?

— Eles aqui colocam chinelos ao lado da cama à noite? Nunca fiquei num hotel desses... os roupões estão cá. — Peabody recompôs-se antes que Eve a chamasse à atenção. — Dois, que estão no armário do quarto, não foram usados. Não sei quantas toalhas este tipo de hotéis fornece aos hóspedes, mas na casa de banho há toalhas suficientes para uma família de seis. Também não foram usadas.

— Ele deve ter usado toalhas antes da limpeza da noite. Talvez tenha tomado um duche depois da viagem. — Eve olhou na direção do quarto enquanto falava. — E um bom menino que levanta a mesa depois de comer, também lava as mãos depois de fazer xixi. Não segurou a bexiga durante mais de cinco horas.

Parou na salinha da casa de banho, uma versão mais pequena da sala

principal com uma cabine de duche de vidro azul, toalhas brancas como a neve e uma sanita brilhante discretamente colocada atrás de portas de vidro azul.

— Os produtos de casa de banho também desapareceram daqui.

— Não me apercebi disso antes. Ele limpou mesmo o local.

— Para quê gastar dinheiro em sabonete e champô se os podemos ter de graça? Principalmente quando são coisas da melhor qualidade. — Continuou para o quarto, observando brevemente antes de entrar na casa de banho.

Aquela era gigantesca, com uma banheira que parecia uma piscina, um duche separado com seis jatos ajustáveis em altura e velocidade e uma cabine de secagem. Eve já tinha passado algum tempo no hotel de Roarke e sabia que o enorme balcão teria estado agradavelmente decorado com elegantes frascos de cremes e loções. Aquele estava vazio.

Franzindo o sobrolho, caminhou até à prateleira de cobre onde estavam três toalhas de rosto grossas, com monograma.

— Ele usou esta. Arranja-me um saco.

— Como sabes que a usou?

— O monograma não está centrado como o das outras. Ele usou-a. Lavou-se depois de acabar com ela, secou as mãos e, como é um tipo arrumadinho, voltou a colocá-la na prateleira. Ela deve ter vindo aqui, entrou diretamente na casa de banho para levar as toalhas usadas e colocar outras lavadas. Ele estava agures à espera dela, a observá-la, a fazer planos.

»Talvez estivesse no guarda-roupa — continuou Eve. — Ela começou a voltar para trás, com as toalhas usadas na mão, provavelmente deitou-as para o chão. Fez a cama, desempenhou a sua função, deixando o quarto arrumado para os hóspedes. E depois ele saltou-lhe em cima. Arrancou-lhe o transmissor antes que ela pudesse dar o alarme e atirou-o para ali, onde o encontramos.

O resto foi feito na cama, pensou Eve.

— Ele nem lhe deu tempo para tentar fugir. Não há sinais de luta na suite, não que ela tivesse conseguido dar muita luta contra um tipo do tamanho dele. A roupa de cama ficou suja e revirada, mas mais nada. Tudo o resto está arrumado, por isso ele apanhou-a aqui e fez o resto ali. Ao som da música.

— Essa é a parte arrepiante — murmurou Peabody. — O resto é muito maldoso, mas a música é arrepiante.

— Quando acabou com ela, viu as horas. Olha, não demorou muito tempo. Lavou as mãos, provavelmente repreendeu-se um pouco pelos arranhões que ela conseguiu fazer-lhe, mudou de roupa, arrumou a mala e guardou os produtos de oferta. Depois o filho da mãe pegou nas toalhas

que ela deixara caídas no chão e levou-as até ao carrinho. Como era óbvio, não ia mudar os lençóis, mas não queremos deixar uma desarrumação maior do que o necessário.

— É de uma frieza...

— Oh, sim, é preciso frieza. Foi um trabalho fácil. Entrou e saiu de um hotel elegante em poucas horas, comeu uma bela refeição, arranjou um bom carregamento de produtos oferecidos e ganhou uma boa maquia em dinheiro. Consigo entendê-lo, Peabody. Consigo entendê-lo a ele, mas não consigo chegar a quem o enviou aqui e porquê.

Ficou imóvel durante algum tempo, trazendo a imagem de Darlene French à cabeça. E enquanto o fazia, ouviu o som da porta que dava para o corredor a abrir. Eve avançou rapidamente pelo átrio da suite e dobrou a esquina, de arma na mão.

— Caramba, Roarke! Caramba! — Irritada, voltou a guardar a arma no coldre enquanto Roarke fechava a porta. — O que estás aqui a fazer?

— Vim à tua procura.

— Este quarto está selado. É um local do crime e está *selado*.

Eve imaginou que o selo lhe teria demorado menos tempo a abrir com aqueles seus dedos mágicos do que a ela com o Código Mestre.

— Motivo pelo qual, depois de me informarem que estavas no hotel, este foi o primeiro lugar em que te procurei. Olá, Peabody.

— O que queres? — perguntou Eve bruscamente antes que a assistente pudesse devolver o cumprimento. — Estou a trabalhar.

— Sim, bem sei. Presumi que quisesses continuar com algumas das entrevistas de que falaste ontem à noite. Barry Collins está em casa, mas o seu supervisor está à tua disposição, assim como uma outra camareira, Sheila Walker, que era amiga íntima da vítima. Foi ela quem veio esvaziar o cacifo de Darlene em nome da família.

— Ela não pode tocar...

— Foi exatamente o que lhe disse. Não até o libertares. Mas pedi-lhe que esperasse, para que pudesses falar com ela.

Ela ferveu, faiscou, depois acalmou-se até chegar a uma fúria suave.

— Podia dizer-te que não preciso da tua ajuda para conduzir os meus interrogatórios.

— Pois podias — concordou ele, tão agradavelmente que Eve não sabia se lhe apetecia rosnar ou rir.

— Mas poupaste-me algum tempo, por isso, obrigada. Vou dizer que não te quero, nem a ti nem a mais ninguém, neste quarto até o libertar.

— Entendido. Quando acabares, podes contactar-me no número zero-zero-um em qualquer uma das linhas.

— Por enquanto já acabámos. Vamos começar com a Sheila Walker.

— Tenho um escritório montado para ti numa das salas do piso de reuniões.

— Não, deixa-me falar com ela e com o rapaz no território deles. Vamos manter as conversas a um nível informal, para se sentirem mais confortáveis.

— Como preferires. Ela está na sala das empregadas de limpeza. Eu levo-te lá.

— Ótimo. O melhor é ficares por perto também — disse Eve enquanto saía pela porta que Roarke lhe abriu. — Vais fazer com que se sinta mais protegida.

Menos de três minutos depois do início do interrogatório, Eve percebeu que tinha tomado a decisão certa. Sheila era uma rapariga alta, magra e negra, com olhos enormes. Eve já não conseguia contar as vezes que Sheila tinha olhado para Roarke em busca de coragem, direção e conforto.

Tinha uma pronúncia maravilhosa, como se fosse música de uma qualquer ilha, mas entre a pronúncia e as lágrimas abafadas, Eve começou a sentir uma dor de cabeça a formar-se.

— Ela era tão querida. Aquela miúda era tão querida. Nunca dizia uma palavra menos boa a respeito de ninguém. Tinha uma maneira de ser muito alegre. Normalmente, se um hóspede a visse ou conversasse com ela enquanto estava a trabalhar, dava-lhe uma boa gorjeta. Porque ela fazia-os sentirem-se bem aqui. Agora nunca mais a vou ver.

— Eu sei que perder uma amiga é difícil, Sheila. Sabe dizer-me se ela tinha alguma coisa que a perturbasse, alguma preocupação?

— Oh, não, ela era feliz. Daqui a dois dias íamos ter uma folga e íamos comprar sapatos as duas. Ela adorava comprar sapatos. Mesmo antes de começarmos o turno da noite, estivemos a combinar que íamos sair cedo e oferecer a nós mesmas uma daquelas mudanças de visual que dão no balcão de beleza do Centro Comercial Aéreo.

O rosto magro e exótico enrugou-se.

— Oh, Sr. Roarke!

Perante o ataque de choro, Roarke limitou-se a pegar na mão dela e a segurá-la.

Eve continuou a falar com ela durante mais meia hora e reuniu informações que formavam a imagem de uma jovem mulher alegre e despreocupada que gostava de ir às compras, de dançar e que estava a ter o primeiro romance sério.

Tinha encontros regulares ao pequeno-almoço com o namorado, de manhã, depois dos turnos. Comiam sempre na sala dos funcionários, ex-

ceto nos dias de pagamento, quando se permitiam gastar algum dinheiro numa refeição num café a poucos quarteirões de distância. Normalmente, ele levava-a até à estação de transporte e dizia-lhe adeus depois de partir.

Mas tinham andado a falar sobre arranjar um pequeno apartamento para os dois, talvez no outono.

Não disse nada à sua melhor amiga, que Sheila dizia ser, sobre se tinha visto, ouvido ou encontrado alguma coisa invulgar ou preocupante. E na noite anterior, tinha saído com o seu carrinho com um sorriso estampado no rosto.

O chefe dos paquetes, que Eve interrogou na sala de descanso dos paquetes, transmitiu-lhe uma imagem igualmente cor-de-rosa de Barry. Jovem, ambicioso, alegre e apaixonado por uma camareira de cabelos negros chamada Darlene.

Tinha recebido um aumento no mês anterior e mostrara a toda a gente com quem se cruzou um fio com um pequeno coração de ouro que comprara para oferecer à namorada, por ocasião dos seis meses de namoro.

Eve lembrava-se que Darlene estava a usar um fio exatamente como aquele, mexendo-lhe enquanto esperava para entrar no 4602.

— Peabody, pergunta de mulher — disse, enquanto atravessava o átrio entre a assistente e Roarke.

— Eu sou bastante feminina.

— Pois. Se tivesses uma discussão com o teu namorado e estivesse com dúvidas sobre toda a relação, ou qualquer coisa do estilo, usavas um presente que ele te tinha oferecido?

— Claro que não. Se a discussão fosse grande, atirava-lhe com o presente à cara. Se estivesse a ponderar deixá-lo, derramava algumas lágrimas sobre o presente, depois enfiava-o numa gaveta até decidir como acabar. Se fosse uma discussão menor, guardava-o até ver como as coisas se resolviam. Só se usa uma coisa que um namorado nos ofereceu, pelo menos à vista de toda a gente, quando queremos mostrar, a ele e a toda a gente, que ele é nosso.

— Como é que manténs as regras em ordem? É intrigante. Mas é mais ou menos o que eu pensava. Então!

Deu uma palmada na mão de Roarke quando ele lhe puxou debaixo da camisa o fio que ela usava ao pescoço, adornado com um diamante em forma de lágrima que ele lhe oferecera.

— Estava só a verificar. Aparentemente, continuo a ser teu.

— Não o uso à vista de toda a gente — disse ela com alguma satisfação.

— Mas está suficientemente perto.

Ao apanhar o brilho dos olhos dele, Eve semicerrou os seus.

— Se tentares beijar-me aqui, vou dar-te uma tarefa. Mesmo assim, vamos falar com o Barry, Peabody — disse, fazendo deslizar novamente o pingente para debaixo da camisa. — Vamos descartar este ângulo. Quanto a ti — disse, batendo com um dedo no peito de Roarke, — preciso de falar contigo mais tarde sobre todo este assunto da comunicação social.

— Estarei à tua disposição. Não há coisa que mais me agrade.

O sorriso que lhe ofereceu desvaneceu-se e os olhos aguçaram-se quando ouviu uma voz a declamar suavemente o verso de uma antiga balada irlandesa.

Antes que se pudesse virar, um braço envolveu-lhe o pescoço num gancho apertado. Roarke teria contra-atacado, já estava a mudar o peso do corpo para o fazer quando uma gargalhada ecoou no seu ouvido e o enviou para o passado, até aos becos de Dublin.

Depois, as suas costas bateram com força contra uma parede e Roarke deu por si a olhar para os olhos sorridentes de um homem morto.

— Já não és tão rápido como costumavas ser, pois não, amigo?

— Talvez não. — Num movimento rápido como um relâmpago, Eve tirou a arma do coldre e encostou-a ao pescoço do homem. — Mas eu sou. Recua, cabrão, ou és um homem morto.

— Tarde de mais — murmurou Roarke. — Ele já está morto. Mick Connelly, por que motivo não estás no Inferno, a guardar o meu lugar?

Ignorando alegremente a arma de laser encostada à sua garganta, Mick deu uma risada.

— Ah, não se pode matar o diabo, pois não, pelo menos até ele estar pronto para ir desta para melhor? Tu estás cá um figurão, sacana, não estás?

E enquanto Eve observava, confusa, os dois homens sorriram amplamente como dois idiotas.

— Cuidado, querida. — Roarke levantou a mão, tocando gentilmente em Eve e baixando-lhe a arma. — Este filho da mãe horroroso é o que se pode chamar de um velho amigo.

— É isso mesmo. E não é mesmo a tua cara contratares uma guarda-costas?

— Polícia — disse Roarke, com um sorriso ainda maior.

— Bem, Jesus. — A rir, Mick bateu a brincar no rosto de Roarke. — Tu dantes não eras tão amiguinho assim da Polícia.

— Pois sou muito amiguinho desta. É a minha mulher.

A fitá-la, Mick agarrou-se ao coração.

— Não precisa de se incomodar a matar-me, então. Já estou a morrer do choque. Já tinha ouvido — oh, uma pessoa ouve todo o tipo de coisas sobre o Roarke. Mas não tinha acreditado.

Fez uma vénia, bastante encantadora, enquanto Eve guardava a arma, depois pegou-lhe na mão e deu-lhe um beijo antes que ela o conseguisse evitar.

— Muito prazer em conhecê-la, minha senhora, muito prazer mesmo. Chamo-me Michael Connelly, mas os meus amigos chamam-me Mick; espero que possa chamar-me assim. Aqui o seu marido e eu fomos rapazes juntos. E fomos uns rapazes muito maus, é verdade.

— Dallas. Tenente Dallas. — Mas tornou-se um pouco mais calorosa porque os olhos dele, verdes como as folhas no verão, estavam a brilhar com uma incrível boa disposição. — Eve.

— Vai perdoar-me a... exuberância do cumprimento aqui ao meu velho amigo, mas o entusiasmo foi mais forte que eu.

— O pescoço é dele. Tenho de ir — disse Eve para Roarke, mas estendeu uma mão, de um modo que pedia um aperto e não um beijo nos nós dos dedos. — Muito prazer em conhecê-lo.

— Igualmente, por certo. E espero voltar a encontrá-la.

— Claro que sim. Até logo — disse a Roarke, depois fez sinal a Peabody, que observava avidamente a cena, para se encaminhar para a porta.

Mick observou-a a afastar-se a passos largos.

— Ela não gostou lá muito de mim, pois não, companheiro? E porque havia de gostar? Cristo, que bom ver-te outra vez, Roarke.

— E eu a ti. O que estás a fazer em Nova Iorque, e no meu hotel?

— Vim a negócios. Há sempre algum negócio. Na verdade, estava com esperanças de me sentar contigo para falar sobre eles. Negócios e prazer, prazer e negócios. — Piscou o olho. — Tens algum tempo disponível para um velho amigo?

Ele estava com um excelente aspeto, para um homem morto. Mick Connelly usava um fato verde-água. Roarke recordou-se de que ele sempre fora um grande adepto da cor e do espalhafato. A cor e corte disfarçavam a maior parte do peso que ganhara nos últimos anos.

Nenhum dos dois tinha peso a mais nos seus tempos de juventude, já que vários tipos de fome os tinham mantido sempre esguios.

O cabelo cor de areia estava cortado curto e aguçado em redor de um rosto, que, à semelhança do corpo, se tornara mais redondo com os anos. Os dentes da frente, que antes se espetavam para fora como os de um castor, tinham sido arrançados. Já não usava a ridícula amostra de bigode que insistia em deixar crescer e que nunca tinha sido mais do que uma mancha por cima do lábio superior.

Mas continuava a ter o mesmo nariz achatado dos Irlandeses, o sorriso rápido e retorcido e os olhos de um verde malvado e ondulante.

Quando era rapaz, ninguém diria que era belo. Era baixo e magro, coberto dos pés à cabeça por sardas cor de fogo. Mas tinha umas mãos rápidas e uma língua ainda mais veloz. A sua voz era do Sul puro de Dublin, com uma musicalidade rude adequada a coreografar os punhos voadores.

Quando entrou no escritório de Roarke na velha e elegante ala principal do hotel, pousou as mãos nas ancas e sorriu amplamente como uma gárgula.

— Então, tu saíste-te muito bem, não saíste, amigo? Já tinha ouvido dizer, claro, mas ver é como levar um pontapé no rabo.

— Ver-te transmitiu-me a mesma sensação. — A voz de Roarke era calorosa, mas já tinha tido tempo para recuperar daquele instante de surpresa e prazer. Uma parte de si continuava retraída, calculando o que aquele fantasma de um passado morto podia querer dele. — Senta-te, Mick e conta-me coisas.

— Vou fazer isso.

O escritório do hotel fora concebido para elevar as suas funções mais prosaicas. E como tudo o que Roarke concebia, a preocupação concentrara-se tanto no conforto como na eficiência. O centro de comunicação do andar cimeiro e todos os equipamentos estavam encastrados por entre graciosas peças de mobiliário e painéis de parede estilizados. O ambiente era o de um executivo urbano elegante, porém, *pied-à-terre*.

Mick sentou-se numa das poltronas de grossas almofadas, esticou as pernas e passou os olhos pela sala — enquanto avaliava o seu conteúdo, imaginou Roarke. Depois suspirou e admirou a vista para lá das largas portas de vidro e da varanda de pedra.

— Sim, saíste-te muito bem. — Os olhos voltaram-se novamente para Roarke, com uma expressão de riso impossível de resistir. — Se te der a minha palavra em como não te surripio nenhum dos teus cacós, és capaz de oferecer uma cerveja a um velho amigo?

Roarke dirigiu-se a um painel na parede e, abrindo-o, mandou vir duas *Guinness* do AutoChefe.

— Está programado para as tirar como deve ser, por isso só demora um minuto.

— Há muito tempo que não bebemos uma caneca juntos. Quanto tempo achas que se passou? Quinze anos?

— Por aí. — *E nos quinze antes disso*, pensou Roarke, *fomos tão próximos, bem, como ladrões*. — Roarke encostou-se à mesa enquanto a máquina processava as *Guinness*, mas não baixou completamente a guarda. — Disseram-me que tinhas morrido num bar de Liverpool. Numa briga de facas. As minhas fontes costumam ser de confiança. Então por que motivo, Mick, não estás a fazer história no Inferno?

— Pois muito bem, vou contar-te. És capaz de te recordar que a minha mãe, que Deus abençoe o seu coração frio e negro, me dizia muitas vezes que eu havia de morrer com uma faca espetada na barriga. Dizia que tinha a mesma visão sempre que tomava uma boa dose do velho líquido irlandês.

— Então e ainda está viva?

— Oh, sim, da última vez que tive notícias. Se bem te lembras, saí de Dublin algum tempo antes de tu saíres. Andei a viajar por aqui e por ali, para tentar fazer fortuna como pudesse. Fazia pequenos negócios, principalmente a transportar vários tipos de mercadoria de um lugar para o outro, onde pudesse acalmar antes de ser transportada novamente. Que era o que estava a fazer em Liverpool naquela noite fatídica.

Distraidamente, Mick abriu uma caixa de madeira que estava na mesa ao seu lado e ergueu as sobranceiras para os charutos franceses do seu interior. O preço dos charutos era absurdo e o seu consumo banido em quase todos os locais onde um humano podia entrar.

— Importas-te?

— Serve-te.

Por respeito à amizade, Mick tirou apenas um charuto em vez de pegar em meia dúzia, como teria feito em diferentes circunstâncias.

— Então, onde é que eu ia? — disse, enquanto acendia o charuto com um pequeno fósforo permanente de ouro que tirou do bolso. — Ah, sim.

Muito bem, tinha metade do dinheiro no bolso e ia a caminho de me encontrar com o meu... cliente, para ele me pagar o resto. Qualquer coisa correu mal. A Autoridade Portuária soube da transação e fez uma rusga ao armazém. Andavam à minha procura, assim como o cliente que meteu na cabeça que quem tinha denunciado o negócio tinha sido eu.

Perante o franzir de sobrolho desconfiado de Roarke, Mick deu uma gargalhada e abanou a cabeça.

— Não, a sério, não fui eu. Só tinha metade do meu dinheiro, por isso, porque o faria? De qualquer maneira, entrei no bar para pensar naquilo e ver se conseguia arranjar uma maneira rápida e discreta de sair dali. Sair era o verdadeiro problema, com os polícias e os mafiosos atrás de mim. E não vais acreditar, mas enquanto estava ali sentado a fumar por ter perdido metade do dinheiro e por ter de fugir, alguém começou uma briga.

— Uma briga num bar à beira da água, em Liverpool — disse Roarke calmamente enquanto retirava duas *Guinness* escuras e espumosas do AutoChefe. — Quem diria?

— E foi uma briga dos diabos. — Mick pegou na cerveja, fazendo uma pausa na história para erguer o copo a Roarke. — Então, aos velhos amigos. *Slainté*.

— *Slainté*. — Roarke sentou-se e saboreou o primeiro espesso gole.

— Bem, é como te digo, Roarke, as palavras e punhos esvoaçavam e ali estava eu a querer manter-me discreto. O empregado do bar, bem, arranjou um taco e começou a bater com ele no bar; os clientes começaram a assobiar e a tomar partidos. Depois, os dois que começaram a briga — e nunca cheguei a saber por que motivo a começaram — sacaram de facas. Naquele momento, teria saído dali, mas não era seguro passar por eles sem arriscar levar uma facada ou outra, o que não me apetecia nada. Pareceu-me mais sensato misturar-me no meio da multidão, que estava à volta deles a fazer apostas. Alguns dos espetadores entraram no espírito da coisa e começaram aos murros uns aos outros só pela piada.

Era fácil de visualizar e fácil de recordar quantas vezes tinham começado uma noite assim, só para se divertirem.

— Quantas carteiras roubaste durante o espetáculo?

— Perdi-lhes a conta — disse Mick com um sorriso rasgado. — Mas consegui compensar uma pequena porção do dinheiro que não me pagaram. As cadeiras começaram a voar e, com elas, os corpos. Não pude evitar ver-me envolvido na escaramuça. E raios partam se os dois que começaram aquilo tudo não acabaram por se espetar um ao outro. Mortalmente, também. Consegui ver logo, pelo negrume do sangue. E pelo cheiro. Sabes como aquele cheiro a morte nos chega ao nariz.

— Sim, sei.

— Bem, nesse momento, a maior parte da assistência recuou com rapidez e começou a dispersar como ratazanas a abandonar um navio. O empregado do bar chamou a Polícia. Então, ocorreu-me assim num repente que um dos homens mortos era mais ou menos da minha cor e de constituição semelhante. Parecia o destino, não era? Mick Connelly precisava de desaparecer, e que melhor maneira de estar morto que não no chão de um bar em Liverpool? Troquei os documentos de identificação com ele e fugi.

— Assim, Michael Joseph Connelly morreu ali esvaído em sangue, como a sua mãe previra, e Bobby Pike apanhou o transporte seguinte para Londres. É esta a minha história. — Bebeu um grande gole e deixou sair um arquejo de satisfação. — Cristo, é bom olhar para este teu rosto. Nós passámos bons tempos, não passámos? Tu, eu, o Brian e o resto.

— Sim, passámos.

— Ouvi o que aconteceu com a Jenny, o Tommy e o Shawn. Partiu-me o coração saber que morreram daquela maneira. Do velho grupo de Dublin só já resto eu, tu e o Brian.

— O Brian continua em Dublin. É dono do Penny Pig e durante metade do tempo é ele que trabalha no bar.

— Já ouvi dizer. Um dia ainda vou voltar a Dublin e ver com os meus próprios olhos. Vais lá com frequência?

— Não.

Mick acenou com a cabeça.

— Afinal, nem todas as recordações são boas. Mas ainda assim, acabaste por te dar bem na vida, não foi? Sempre disse que isso ia acontecer. — Levantou-se, levando a caneca de cerveja até junto das portas de vidro. — Pensa nisto. És dono deste maldito lugar todo e sabe Deus do que mais. Nos últimos anos, tenho andado dentro e fora do planeta e não estive em lugar nenhum onde não tenha ouvido o nome do meu mafioso amigo de infância. Raios me partam, Roarke, se não estou orgulhoso de ti.

Roarke reparou, estranhamente, que nenhuma das pessoas que conheceu enquanto rapaz alguma vez proferira aquelas palavras dirigidas ao homem.

— O que estás a fazer na tua vida, Mick?

— Oh, pequenos negócios. São sempre pequenos negócios. E quando alguns deles me trouxeram a Nova Iorque, disse para com os meus botões, “Mick, vais reservar um quarto naquele hotel elegante do Roarke e vais procurá-lo.” Estou a viajar novamente com o meu nome verdadeiro. Já se passou tempo suficiente desde Liverpool. E estou a pensar agora, que já se passou demasiado tempo desde que bebi uma caneca com os meus velhos amigos.

— Então, procuraste-me e estamos a beber uma caneca. Agora, porque não me dizes o que está por detrás de tudo isto?

Mick encostou-se à porta, levou a caneca aos lábios e observou Roarke com aqueles seus olhos ondulantes.

— Nunca ninguém te conseguiu enganar. Sempre tiveste um radar natural para detetar patranhas. Mas a verdade é que tudo o que te disse é tão legítimo como o ouro. Acontece apenas que pensei que talvez estivesses interessado em alguns dos negócios que me trouxeram aqui. São coisas de pedras. Pedras bastante coloridas que estão a perder-se numa caixa escura algures.

— Eu já não faço esse tipo de negócios.

Mick sorriu, deixou escapar uma pequena gargalhada e depois pestanejou enquanto Roarke se mantinha sentado a olhar para ele.

— Oh, vá lá, estás a falar com o Mick. Não me vais dizer nunca que reformaste essas tuas mãos mágicas.

— Vamos dizer apenas que lhes dei novas utilidades. Legais. Há muito tempo que não preciso de assaltar carteiras ou arrombar fechaduras.

— Precisar, quem é que falou em precisar? — perguntou Mick ruidosamente. — Tu tens um talento dado por Deus. E não estou a falar apenas das tuas mãos, mas da tua cabeça. Na minha vida, nunca conheci ninguém com uma cabeça tão habilidosa e manhosa como a tua. E foi criada para roubar. — Novamente a sorrir, Mick voltou a sentar-se. — Agora, não vais estar à espera que acredite que controlas esta porra deste império todo dentro da legalidade.

— Controlo, sim. — *Agora.* — E só isso já é um verdadeiro desafio.

— Ai, o meu coração. — Mick agarrou-se dramaticamente ao peito. — Já não sou tão jovem como era. O meu sistema já não aguenta este tipo de choques.

— Vais sobreviver e também vais ter de encontrar outra localização para as tuas pedras.

— É uma pena. Uma lástima. Na verdade, é um pecado, mas as coisas são como são. — Mick suspirou. — Agora fazes tudo direitinho, então? Bem, também tenho uma coisa direitinha, uma vez que gosto de misturar as coisas para me manter vivo. Tenho uma pequena empresa que comeci com um grupo de amigos. Peixes pequenos quando comparados a um tubarão como tu. Aromas. Perfumes e semelhantes, em que a ideia é embalar o produto de modo antiquado. Dando uma nota romântica, entendes? Estarias interessado neste tipo de investimento?

— É possível.

— Então, enquanto eu estiver na cidade, vamos falar um pouco sobre isso. — Mick levantou-se. — Por agora, vou ver o tipo de acomodações que

me esperam aqui e vou deixar-te regressar ao que quer que seja que fazes contigo agora.

— Não és bem-vindo no Palácio — disse Roarke, levantando-se. — Mas és bem-vindo na minha casa.

— É muito generoso da tua parte, mas não quero causar-te incómodo.

— Pensei que estavas morto. Jenny e todos os outros, exceto Brian, estão mortos. Nunca os pude receber na minha casa. Vou mandar levar a tua bagagem.

Já existiam perfis psiquiátricos, de personalidade e de comportamento-padrão traçados sobre Yost em várias agências de cumprimento da lei à volta do globo. Ainda assim, Eve ponderou enviar todos eles, mais as suas notas sobre o assassino, para a Dra. Mira, a especialista em perfis da Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque, para uma análise resumida.

Mas um assassino profissional era, em essência, apenas uma ferramenta. Por muito que o quisesse apanhar, queria ainda mais apanhar a pessoa que o contratara.

— O FBI estima que os honorários de Yost para um único trabalho estejam na casa dos dois milhões de dólares americanos. Isto não inclui despesas e aumenta consoante o alvo e a dificuldade do trabalho.

Eve inclinou a cabeça para o ecrã na sala de reuniões, na Central, de onde o rosto de Darlene lhe sorria.

— O que faz com que uma camareira de vinte e dois anos valha dois milhões de dólares ou mais?

— Informação — sugeriu McNab.

McNab tinha sido chamado, para sua grande satisfação, como consultor da DDE. Agora estava sentado com o longo cabelo louro meticulosamente preso com um trio de ganchos vermelhos e o rosto bonito e magro tinha um ar solene.

— É possível. Vamos imaginar que a vítima tinha, ou alguém acreditava que tinha, informações potencialmente perigosas. Se assim fosse, porque não contratar, por um valor muito mais reduzido, um patife qualquer para encenar um assalto? Ela tinha uma rotina regular para ir e vir do trabalho, usava transportes públicos e caminhava, a maior parte das vezes sozinha, das paragens dos transportes para o hotel e para o edifício onde vivia. Bastava apanhá-la na rua, levar-lhe a mala e ela entrava nas estatísticas como uma vítima de assalto. Era mais discreto.

— Sim. — Embora concordasse, McNab sentia que tinha de justificar a sua inclusão na equipa de investigação fazendo o papel de advogado do diabo. — Mas na rua há um elemento real de risco. Ela podia ter sorte e

escapar, algum bom samaritano podia vir em seu auxílio. Se a apanhassem no trabalho, num quarto, não havia margem para erros. Ela desaparecia.

— E o assassinato torna-se num assunto prioritário, com uma grande e competente equipa de investigação em cima, além do Roarke — acrescentou Eve, embora não concordasse. — Alguém tem dinheiro suficiente para contratar um assassino dispendioso, e ele sabe exatamente onde se está a meter ao deixar um crime destes cair nas mãos de Roarke.

— Pode ser que seja estúpido — disse McNab com uma centelha de um sorriso.

— Pode ser que o estúpido sejas tu — disse Peabody bruscamente. — Quem contratou o Yost queria que isto fosse notório. Meios de comunicação social, investigações intensas. É uma chamada de atenção, por isso diz-nos que ele andava à procura de atenção. Talvez até esteja a pagar por ela também.

— Está bem, se calhar até concordo com isso — disse McNab mal-humorado, virando-se para Peabody. — Mas porquê? O assassino e a vítima recebem muita atenção. Mas ele não. Então qual é o objetivo dele? Não temos um verdadeiro motivo para o assassinato de French. A verdade é que nem sequer podemos dizer se ela foi um alvo específico ou se era apenas quem estava mais à mão.

— Ela está morta — disparou Peabody.

— E se naquele turno tivesse trocado de quartos com outra camareira, podia estar viva e a outra morta.

— McNab, tu surpreendes-me — disse Eve, mantendo a voz suave e apenas ligeiramente sarcástica. — Isso é quase um verdadeiro raciocínio de detetive. Segundo os registos do hotel, James Priory, também conhecido por Sylvester Yost, não pediu nenhum quarto em especial, nem sequer um piso, quando fez a reserva do quarto. Isto diz-me, e é corroborado pela análise de probabilidades que fiz antes de vir para aqui, assim só para me divertir um pouco... é uma das tarefas de investigação chatas que nós estamos habituados a fazer aqui nos Homicídios. Isto diz-me que — continuou enquanto McNab e Peabody estremeciam — Darlene French não foi um alvo específico. O que por sua vez me diz que é pouco provável que ela tivesse qualquer outro desígnio ou significado a não ser o facto de estar viva e ter entrado naquele quarto.

— Tenente, por que motivo alguém pagaria dois milhões de dólares para mandar matar uma pessoa ao acaso?

— Vamos completar a tua pergunta — disse Eve, com um aceno para McNab. — Por que motivo alguém escolheria para um trabalho um assassino que é conhecido por todas as agências de cumprimento da lei dentro e fora do planeta, um assassino que seria identificado poucas horas depois?

Por que motivo planejaram o trabalho para um local reconhecido da cidade que faria crescer água na boca aos meios de comunicação social?

Quando o silêncio se instalou, Feeney disse finalmente:

— Não sei, Dallas. Uma pessoa tenta educá-los bem, dar-lhes o benefício da nossa experiência e eles acabam por fazer figura de idiotas. Roarke — disse. — O alvo é o Roarke.

Era o *motivo* que a preocupava. Por que motivo alguém se daria a tanto trabalho e despesa para colocar um alvo em Roarke? Aqui está o que consigo fazer, o que consigo deixar mesmo à soleira da tua porta.

Qual era o objetivo?

Os meios de comunicação social iam fazer barulho e ele ia enxotá-los a todos. O hotel podia sofrer alguns cancelamentos e ia receber o dobro das reservas devido à curiosidade mórbida e aos fatores retorcidos de excitação que aqueles incidentes provocavam.

Alguns funcionários podiam demitir-se. Outros entrariam para ocupar os seus lugares.

Feitas as contas, não lhe ia custar nada e a médio prazo só lhe granjeava mais publicidade, que Roarke sabia exatamente como reverter a seu favor.

A não ser que quem quer que tivesse contratado Yost soubesse como Roarke trabalhava. A não ser que soubesse o efeito que teria nele ver uma jovem e inocente rapariga assassinada num estabelecimento seu.

O preço que Roarke pagaria seria pessoal. E se o motivo também fosse pessoal... Bem, era o que a preocupava.

A sua motivação para trazer Yost à justiça era agora a dobrar. Justiça para Darlene French. Respostas para Roarke.

Sentada à secretária, estudou novamente o processo de Yost. Não tinha família. Não tinha associados conhecidos. Não tinha morada conhecida. *Não tinha nada*, pensou com revolta. Pela primeira vez na sua carreira, conhecia a identidade do assassino, tinha um caso sólido baseado em provas físicas, todos os indicadores apontavam para a culpa, e tudo isto vinte e quatro horas depois de o crime ter sido cometido.

E não tinha um único fio que pudesse puxar para o aproximar de si.

Não tinha pistas. Não tinha localizações.

— Onde dormes, meu filho da mãe? Onde comes? O que fazes de ti quando não estás a trabalhar?

Afastou o processo, inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos.

Discreto, pensou, deixando que a imagem do rosto dele, dos olhos, da boca, se formasse na sua cabeça. Nada que chamasse a atenção. *És um soli-*

tário. Casas sossegadas em bairros agradáveis. Tens de ter mais do que uma. És um homem que viaja. Transporte pessoal? Provavelmente, provavelmente. Mas nada demasiado vistoso. Seguro, confiável, discreto. Clássico. Como a música que ouves quando matas.

Mas se vieste de carro para Nova Iorque, não usaste a garagem do hotel.

Carne e batatas, pensou, recordando-se da refeição que Yost comera no hotel. Básica, cara. As roupas que usava, quando entrou e quando saiu, correspondiam ao mesmo critério. Assim como a mala de viagem.

Mala de viagem.

Eve endireitou-se, pedindo o ficheiro do disco que continha a entrada dele no hotel.

— Sim, sim, uma mala de rodas para uma pessoa. Básica e cara. E nova. Parece-me novinha em folha. Computador, aumentar do setor doze ao vinte e oito, com um valor de vinte por cento.

A processar...

Apareceu a porção da imagem que mostrava a mala ordenadamente pousada junto dos pés de Yost. Eve não viu sinais de uso na mala de couro preto, nenhum dos riscos que apareciam depois de viagens, nem que fossem pequenas, provocados pelos rigores do manuseamento e das verificações de segurança.

— Aumentar do setor seis ao dez, nesta imagem.

A processar...

E desta vez, quando a imagem apareceu, Eve leu claramente a elegante placa de metal do fabricante.

— Cachet. Muito bem, onde nos leva isso? Computador, identificar o modelo da mala no ecrã, manufaturada pela Cachet.

A processar... unidade identificada como modelo número 345/92-c, anunciada como Negócios de Elite e disponível em couro ou tecido. A unidade mede trinta e cinco por vinte por quinze e cumpre os requisitos da FAA e da PAA como bagagem autorizada em todas as transportadoras aéreas e espaciais. 345/92-c é um modelo novo, disponível desde janeiro deste ano. Cachet é o nome da divisão da Solar Lights, uma empresa das Indústrias Roarke.

— E quem não sabia disso — resmungou Eve. — Saiu em janeiro.

Ainda se passou algum tempo. Computador... esquece. — Mudou para o comunicador interdepartamental e ligou a McNab.

— Uma mala, Cachet. Modelo 345/92-c, chama-se Negócios de Elite. Arranja-me uma lista de onde este modelo foi vendido, em couro preto, desde o seu aparecimento no mercado, em janeiro deste ano. Quero os locais e, a partir desses locais, quero nomes. Quem comprou esta mala?

— Isso vai demorar...

— Algum tempo — concluiu Eve. — Estás com os níveis de energia em baixo?

— Não, chefe. Já estou a tratar disso.

— Eu também — murmurou, levantando-se de seguida. Agarrou no casaco, nos ficheiros e foi com passos largos para o cubículo de Peabody, na esquadra. — Vou para casa para fazer algumas pesquisas. Quero que verifiques a questão do cabelo.

— Do cabelo, chefe?

— Do cabelo do Yost. Não acredito que aquele cabelo seja dele. Não se adequa nada ao rosto dele e é demasiado rebelde para o estilo dele. Por isso é uma peruca, das boas. E o meu palpite é que ele tem uma coleção delas. Começa com aquela que está a usar no vídeo da segurança, verifica os salões e fornecedores de produtos de beleza, os mais importantes, nas maiores cidades. Ele não perde tempo com produtos de segunda categoria. E começa por procurar artigos de fibras naturais, não alérgicos, ou lá como se chama. Ele gosta das coisas requintadas. Anda com uma mala feita de couro em vez da de tecido, feita à mão.

Peabody abriu a boca, mas Eve já estava a afastar-se com passos tão longos que nem teve tempo de perguntar o que tinha uma mala de couro a ver com uma peruca.

Eve entrou em casa no mesmo instante em que Roarke vinha a descer as escadas. Soprou a franja para longe dos olhos e franziu o sobrolho para ele.

— O que estás a fazer aqui? — perguntou.

— Moro aqui.

— Sabes bem o que quis dizer.

— Sim, e podia perguntar-te a mesma coisa. O teu turno ainda não acabou.

— Tenho algumas coisas que quero pesquisar aqui em vez de o fazer na Central.

— Ah.

— Sim, ah. E uma vez que estás em casa, sou capaz de conseguir poupar algum tempo. Tenho algumas perguntas que podias...

Eve começou a subir as escadas enquanto falava, mas parou quando ele lhe pousou a mão no braço.

— Acabei de vir lá de cima, onde estive a instalar Mick num dos quartos de hóspedes.

— Mick? Oh. — Fez uma pausa. — Oh.

— Tens algum problema com o facto de ele ficar aqui hospedado durante alguns dias?

— Não. — *O sentido de oportunidade dele foi terrível*, pensou. *Terrível mesmo*. — Como disseste, tu moras aqui.

— E tu também. Compreendo que ele faz parte de um período da minha vida com o qual não te sentes inteiramente à vontade. — Percorreu a correia do ombro do coldre com um dedo. — Tenente. Mas, na verdade, foi um período da minha vida.

— Já conheci alguns dos teus amigos de Dublin. E gosto do Brian.

— Eu sei. — Colocou-lhe as mãos nos ombros, deixou-as cair pelas costas, aproximando-a de si até que pousou a testa sobre a dela. — O Mick foi importante para mim, Eve. Ele é tão próximo, se calhar até mais próximo do que um irmão teria sido nos tempos difíceis por que passámos; e em alguns bons, também. Julguei que ele estava morto e tinha-me conformado com a ideia.

— E agora sabes que não está. — Eve entendia a amizade, os seus puxões, os empurrões e os enigmas. — Não te importas só de lhe pedir que, enquanto estiver hospedado num dos quartos cá de casa, não faça nada que me obrigue a prendê-lo?

Ele moveu a cabeça apenas o suficiente para pressionar os lábios contra os dela.

— Acho que vais gostar dele.

— Sim. — Mas ambos sabiam que ele não concordara com o pedido de Eve. — Vocês, rapazes irlandeses, são um encanto. Escuta, só queria dizer que tu não precisas de mais sarilhos agora, não com a direção que a investigação do homicídio está a tomar.

Ele acenou com a cabeça.

— Nunca foi sobre a rapariga, pois não? Aquela pobre camareira.

— Acho que não. Precisamos de nos sentar e de tentar descobrir quem viria atrás de ti desta maneira e porquê.

— Está bem, assim que puder. Neste momento tenho algumas coisas que preciso de colocar em funcionamento. Vamos receber umas pessoas para jantar.

— Esta noite? Roarke...

— Se não for conveniente para ti, posso apresentar as tuas desculpas. A Magda e o filho, assim como algumas pessoas importantes, vão estar

aqui. É importante alisar as penas que ficaram um pouco desarranjadas devido ao incidente de ontem e assegurar a todos os envolvidos do leilão que se aproxima que a segurança e publicidade estão sob controlo.

— Não vale a pena pedir-te para adiar tudo isto.

— De maneira nenhuma — disse ele alegremente. — Não posso colocar o hotel, algum dos meus projetos ou, já agora, a minha própria vida em espera porque há a possibilidade de andar aí alguém que me quer perturbar.

— A próxima jogada pode ser dirigida a ti.

O sorriso de Roarke não esmoreceu. Na verdade, até aumentou.

— Preferia que fosse assim. Não quero o peso de outra vida inocente na minha consciência. De qualquer maneira, tenho a guarda-costas mais confiável bem perto de mim.

E Eve pretendia ficar ainda mais perto.

— A que horas é o tal jantar?

— Às oito.

— Então é melhor despachar algum do trabalho. Acho que vou ter de vestir qualquer coisa elegante.

— Deixa isso comigo. — Roarke pegou-lhe na mão e beijou-a. — Obrigado.

— Sim, sim, deixa lá isso. Quero algum do teu tempo antes de amanhã — acrescentou, subindo as escadas a correr.

— Querida Eve, eu quero muito do teu tempo.

Ela riu-se, continuou a subir e quando chegou ao primeiro andar, parou ao ver Mick a sair de um dos incontáveis quartos de hóspedes. Tinha tirado o casaco e parecia, aos olhos de Eve, descontraído e em casa.

Ele ofereceu-lhe um sorriso rápido e meio torto.

— Ah, Tenente. Não há nada mais irritante que um hóspede inesperado, não é verdade? E se acrescentarmos ao facto um amigo de infância do seu marido que não conhece de lado nenhum, obtemos um tédio ainda maior. Espero que a minha estadia não lhe cause qualquer incómodo.

— A casa é grande — respondeu Eve, depois percebeu que aquela não era provavelmente a resposta mais simpática. Mas ele recebeu-a com uma gargalhada tão grande e divertida que Eve não teve outro remédio senão sorrir-lhe também. — Desculpe, eu ando um bocadinho distraída. O Roarke quer que fique cá em casa, por isso eu não me importo nada.

— Obrigado. Vou tentar não lhe cansar os ouvidos com histórias das nossas aventuras de juventude.

— Na verdade, até gosto de ouvir esse tipo de histórias.

— Bem, isso é que é abrir a caixinha dos segredos. — Mick piscou-lhe o olho. — É uma bela casa — disse, deixando que os seus olhos viajassem pelo corredor generoso e pelas escadarias. — Acho que “casa” não será pro-

priamente o termo, pelo menos não é suficientemente grandioso para se adequar a um palácio destes. Como se consegue orientar aqui?

— Nem sempre me oriento. — Eve reparou que o olhar dele mudou de direção e se concentrou no coldre da arma. — Tem algum problema? — perguntou, mais friamente.

— Não, na verdade não, embora não tenha também vergonha de dizer que nunca fui muito adepto desse tipo de armas.

— Não me diga. — Eve pousou distraidamente a mão na arma. — E que tipo de arma prefere?

Ele levantou o braço, dobrou o cotovelo e cerrou o punho.

— Esta sempre me serviu muito bem. Mas na sua atividade profissional, bem... E por falar nisso, estava agora mesmo a pensar que esta foi uma das raras conversas agradáveis que já tive com uma pessoa com a sua profissão. Roarke e uma polícia. Peço desculpa, Tenente, mas é qualquer coisa de extraordinário. Talvez um destes dias se possa sentar comigo para me contar a história de como isso aconteceu. Deus sabe que adoraria ouvi-la.

— Pergunte ao Roarke. Ele é melhor a contar histórias do que eu.

— Mesmo assim, gostava de ouvir a sua versão. — Mick hesitou, depois pareceu tomar uma decisão ao aproximar-se de Eve. — O Roarke nunca se contentaria com uma pessoa que não fosse inteligente, por isso presumo que seja uma polícia inteligente, Tenente. E como tal, sabe exatamente como eu sou só de olhar para mim. Mas o que talvez não saiba é que o Roarke é o meu amigo mais antigo neste mundo. Espero poder estabelecer tréguas, se não puder ser mais do que isso, com a mulher com quem o meu amigo casou.

Quando lhe estendeu a mão, Eve tomou a sua própria decisão.

— Sou capaz de estabelecer tréguas com um amigo do homem com quem casei. — Apertou-lhe a mão. — Comporte-se bem enquanto estiver em Nova Iorque, Mick. Não quero problemas para Roarke.

— Nem eu. — Mick apertou-lhe também a mão. — Nem para ele nem para mim, já agora. Trabalha na Divisão de Homicídios, não é verdade?

— Exatamente.

— Posso dizer-lhe, olhando nos seus olhos, que nunca tive necessidade de matar ninguém, nem tenho planos para começar a fazê-lo agora. Pode ser que ajude um pouco à nossa convivência.

— Mal não faz.

Deixando que Summerset e Roarke tratassem do hóspede, Eve embrenhou-se no escritório de casa para estudar os processos da longa lista de assassinatos que indiciavam Yost como suspeito principal.

Separou-os, depois juntou-os, procurando por lacunas nos trabalhos de investigação, por pormenores que pudessem ter sido mal conduzidos ou ignorados.

Sempre que encontrava alguma coisa, colocava-a de lado, naquele que começou a denominar de o seu Ficheiro de Asneiras. Na sua opinião, tinha havido um número razoável de erros. Testemunhas que não tinham sido convenientemente interrogadas ou pressionadas durante o interrogatório. Rastos de provas que tinham sido arquivados, mas não perseguidos até à raiz das fontes.

Na maior parte dos casos descobriu que desaparecia um pequeno objeto pessoal do corpo de cada uma das vítimas. Um anel, uma fita de cabelo, uma unidade de pulso. Tudo objetos baratos que eram consistentes com a exclusão de assalto como motivo do crime.

Mas Eve sentia que não eram consistentes com o padrão dos crimes.

— Se ele leva qualquer coisa de uma das vítimas, devia levar de todas — murmurou.

Ele era meticoloso, ordenado, rotineiro.

São recordações, pensou. Ele leva uma lembrança com ele. O que terá levado de Darlene French?

Abriu o vídeo da segurança e procurou a parte em que Darlene levava o seu carrinho até à porta do 4602, depois parou a imagem e aumentou-a.

— Brincos. — Na imagem Darlene usava umas pequenas argolas de ouro nas orelhas, praticamente escondidas pelos caracóis escuros. Embora Eve tivesse a certeza que aquele tipo de joia não estava no corpo, verificou o relatório, observando lado a lado as imagens para poder examinar Darlene, espancada e deitada na cama. — Ele levou-te os brincos.

Um colecionador, determinou, recostando-se. Porque gosta do trabalho que faz?, questionou-se. Quer poder lembrar-se dos vários trabalhos, recordá-los e revisitá-los.

Então não foi só pelo dinheiro. Não, não foi só pelo dinheiro. Será que sente o entusiasmo depois da morte?

O comunicador da secretária piscou e, ainda a observar as duas imagens de Darlene, atendeu.

— Dallas.

— Tenho uma pista sobre o arame — começou McNab. — É vendido ao comprimento ou ao peso, principalmente a joalheiros — profissionais e amadores — e artesãos. Pode comprar-se a retalho, mas é muito mais caro do que comprar por atacado. A maior parte dos retalhistas vende pequenas quantidades e a minha informação é que a grande maioria é para consumidores particulares que utilizam o fio para penteados, ou para pequenas fiadas nos pulsos ou tornozelos. São compras de impulso.

— Compras por atacado — disse Eve. — Ele não é um tipo impulsivo e não gosta de pagar caro pelas coisas — acrescentou, pensando nos produtos do hotel.

— Foi o que eu pensei. Temos mais de uma centena de vendedores por atacado a nível global e mais uns vinte fora do planeta. Para comprar a este nível, é preciso ter um cartão de artista ou artesão, ou uma identificação de retalhista. Se tiveres isto, é possível mandar vir o produto da fonte ou fazer a encomenda eletronicamente.

— Muito bem, faz a pesquisa sobre os vendedores. — Enquanto falava, Eve abriu o ficheiro de provas e verificou o comprimento do arame que retirara do local do crime. — Ele usou sessenta centímetros de arame com French, exatamente sessenta centímetros. — Fez uma pesquisa rápida em alguns ficheiros dos casos. — Sim, ele gosta desse comprimento. Procura por encomendas desse comprimento e de múltiplos de sessenta centímetros. — Eve fechou os olhos por um instante. — A prata degrada-se, não degrada? Fica manchada com o tempo, ou qualquer coisa assim.

— A não ser que seja prata revestida, é necessário mantê-la polida. O laboratório disse que o arame era de prata esterlina sem revestimento. Tenho o relatório aqui mesmo e não há qualquer menção a químicos ou polimentos no metal. Acho que ele pode tê-la limpo muito bem. Não faço ideia quanto poderia ficar agarrado, ou o que o polimento faz ao metal.

— Evidencia as compras de sessenta centímetros — decidiu Eve. — Ordena-as cronologicamente, recuando a partir da data do crime. O meu palpite é que ele queira uma ferramenta nova e brilhante para cada trabalho.

Eve desligou a ligação, matutou um pouco sobre as propriedades da prata esterlina, depois voltou a pegar nos ficheiros, seguindo a pista do arame.

Outros investigadores também já a tinham seguido, mas a análise ao comprimento específico só tinha sido feita em menos de metade dos casos. E em metade destes, o investigador concentrara-se em fornecedores da cidade e das redondezas do local onde o crime se dera.

Desmazelados. Que trabalho desmazelado.

Levantou os olhos, ainda a franzir o sobrolho, quando Roarke entrou no escritório.

— O que acontece à prata quando a polimos?

— Fica brilhante.

— Ah-ah. O que quero dizer é se o material de polimento deixa uma camada no metal ou não?

Roarke sentou-se na beira da secretária, sorrindo-lhe.

— Questiono-me por que motivo acharás tu que sei a resposta a essa pergunta?

— Porque tu sabes absolutamente tudo.

— É lisonjeiro da sua parte, Tenente, mas os trabalhos domésticos, como o polimento de pratas, estão um bocadinho fora da minha égide. Pergunta ao Summerset.

— Não quero perguntar-lhe. Para isso era preciso falar com ele de modo voluntário. Pergunto a alguém no laboratório.

Mas quando começou a estender a mão para o comunicador, Roarke limitou-se a afastá-la e a contactar o mordomo pela linha de casa.

— Summerset, o polimento das pratas deixa algum tipo de rasto no metal?

O rosto magro, a pele pálida e os olhos negros de Summerset encheram o ecrã do comunicador.

— Muito pelo contrário; se for bem feito, o polimento desaparece completamente, senão a prata ficava baça e, na verdade, o processo remove até uma camada ínfima do metal.

— Obrigado. Foi útil? — perguntou a Eve quando desligou a ligação.

— Estou apenas a preencher buracos. Vendes arame de prata?

— Oh, imagino que sim.

— Pois, foi o que pensei.

— Se quiseres ajuda a localizar a arma do crime...

— O McNab já está a tratar disso. Vamos ver até onde podemos avançar sem a tua intervenção.

— Claro. Mas querias conversar qualquer coisa comigo.

— Sim. Onde está o teu amigo?

— O Mick está a apreciar a piscina. E ainda temos um par de horas até os convidados começarem a chegar.

— Muito bem. — Mas Eve levantou-se, atravessou a divisão e fechou a porta do escritório. Depois, ali de pé, olhou para trás, observando o homem que amava, com quem tinha casado e com quem vivia. — O assassinato, se aceitarmos a teoria de que foi um trabalho contratado, custou dois milhões de dólares mais despesas, pelo menos. Quem gastará tanto dinheiro para te incomodar, embaraçar ou perturbar?

— Não te sei dizer. Há certamente um número de adversários, rivais profissionais, ou inimigos que têm uma certa aversão pessoal em relação a mim e que têm recursos financeiros suficientes para investir essa quantidade de dinheiro para me incomodarem.

— Desse número, quantos considerariam um assassinato um preço justo?

— Nos negócios? — Roarke levantou as mãos. — É verdade que já fiz muitos inimigos, mas as batalhas são normalmente travadas nas salas de reuniões, nos livros de contabilidade. Embora não seja inimaginável que um deles possa chegar a um tal ponto de irritação que a decisão de me eliminar se torne numa manobra negocial compensadora, logicamente, não consigo pensar num motivo que justificasse matar uma camareira num dos meus hotéis.

— Nem todas as tuas batalhas foram travadas nas salas de reuniões ou nos livros de contabilidade.

— Não. Mas até essas eram diferentes. Se estivermos a lidar com uma questiúncula antiga, continuaria a ser comigo e seria eu o alvo. Nem sequer conhecia aquela rapariga.

— É isso. — Eve avançou, em direção a ele, com os olhos fixos no rosto do marido. — É a esse ponto que continuo a regressar. Isto magoa-te, atormenta-te a consciência. E deixa-te lixado.

— Há outras maneiras de conseguir fazer isso sem ser assassinar uma rapariga inocente.

— Quem não se importaria de o fazer? — insistiu. — Do passado ou do presente. Que grandes negócios tens a decorrer neste momento, em que o equilíbrio pudesse alterar-se se não estivesses concentrado, se não estivesses em cima do assunto? Olympus? Quando tirámos aqueles dias na semana passada, passaste muito tempo a resolver questões.

— Mas esse tipo de coisas já é esperada num projeto daquele tamanho e alcance. E está tudo controlado.

— Estaria se não estivesses ao comando das operações?

Roarke pensou um pouco.

— Podia haver alguns atrasos adicionais, alguns custos, algumas complicações, mas sim, tenho equipas fortes em todas as áreas do projeto. Como tenho em todas as empresas mais relevantes. Eu não sou indisponível, Eve.

— Isso são tretas. — Disse-o com tanta força que o assustou. — Tens a mão em todos os detalhes, em todos os negócios ou organizações. Toda esta imensidão de negócios que criaste podia continuar sem ti, mas não continuaria da mesma maneira. Só há um Roarke. Com quem te confrontaste no passado que não queira que as coisas sejam feitas à tua maneira?

— Com ninguém em particular. De qualquer maneira, se alguém quisesse desviar a minha atenção de um projeto, fazer com que o negligenciasse, a maneira mais certa de o conseguir seria atacando-te a ti.

— Para te terem à perna, perseguindo-os até não serem mais do que corpos que transformarias em pó ao pontapé? Não me parece.

Roarke passou com um dedo pela covinha do queixo de Eve.

— Tens uma certa razão.

— Se não é nada do presente, tens de pensar mais para trás. Não importa o tipo de labirinto que construímos, o passado pode voltar a apanhar-nos. Ambos sabemos disto. Uma parte do teu está neste momento a chapinhar na piscina.

— É bem verdade.

— Roarke. — Eve hesitou, depois decidiu-se. — Não o vês há muito tempo. Não sabes quem ele é agora, ou o que fez nos anos que se passaram. Ele aparece aqui, no meio do átrio do teu hotel, na verdade apenas algumas horas depois do assassinato.

— Estás a ponderar o envolvimento do Mick nisto? — Roarke conseguiu sorrir mais uma vez, abanando a cabeça. — Ele é um ladrão, um trapaceiro, mentiroso, é verdade; também não é pessoa em que se possa confiar por aí além, mas o assassinato não é com ele. Esse tipo de coisa — continuou antes que Eve pudesse rebater as suas palavras, — este modo frio e calculista já nasce com a pessoa, Eve. Ambos sabemos disso.

— Talvez. Mas as pessoas mudam. E pagar por um assassinato pode providenciar um belo pé-de-meia para algumas pessoas.

— Para algumas, sim. Não para o Mick. — Pelo menos naquele ponto, Roarke não tinha dúvidas. — Tens razão quando dizes que ele pode ter mudado. Mas nunca no seu nível mais elementar. Ele seria capaz de enganar alegremente uma avozinha, até a sua, e roubar-lhe as poupanças da vida inteira, mas não era capaz de matar um cão rafeiro, nem mandar fazê-lo, mesmo que o cão tivesse rubis. De todos nós, ele era o mais suave quando se tratava de derramar sangue.

— Está bem. — Mas mesmo assim ia manter Mick Connelly debaixo de olho. — Então mais alguém do passado. Tens de te concentrar nisso. Nos negócios do passado, nos do presente. Alguma coisa com a qual possa trabalhar.

— Vou pensar nisso, prometo.

— Ótimo. E vais aumentar a tua segurança pessoal.

— Vou?

Eve tinha esperanças de conseguir convencê-lo, mas não estava realmente à espera de ser bem-sucedida.

— O alvo és tu. É possível que Darlene French tenha sido só o tiro

de ensaio. Um aviso de “olha como consigo chegar perto sem me esforçar demasiado”. O próximo passo pode ser ir diretamente atrás de ti.

— Ou de ti — contrapôs Roarke. — Também vais aumentar a tua segurança pessoal?

— Eu não tenho segurança pessoal.

— Exatamente.

— Sou polícia.

— E eu durmo com uma. — Envolveu-lhe a cintura com o braço. — Não sou um sortudo?

— Para com isso. Isto não é uma brincadeira.

— Não, é verdade que não. Mas a piada sobre ter de aumentar a minha segurança pessoal é uma coisa que vou considerar como tal, para não me aborrecer com a minha mulher mesmo antes de recebermos convidados para jantar. Caladinha — disse ele quando Eve abriu a boca, depois certificou-se de que ela o fazia.

O beijo foi longo, severo e não particularmente divertido. Por isso, quando Eve se afastou dele, os seus olhos semicerraram-se.

— Posso arranjar polícias para te rodearem completamente.

— Pois podes — concordou ele. — E eu podia sacudi-los de cima de mim num instante, como muito bem sabes. Tu és a única polícia que quero à minha volta, Tenente. Na verdade... — Antes que ela tivesse tempo de lhe dar uma palmada, já os dedos ágeis dele lhe tinham desabotoado metade dos botões da camisa.

— Para com isso. Não tenho tempo para estas coisas.

Ele sorriu.

— Então vou ser rápido.

— Eu disse... — Mas os dentes dele enterraram-se ligeiramente no pescoço dela, enviando uma onda de excitação pelo centro do seu corpo, trespassando-lhe até os dedos dos pés. Podia ter ficado com os olhos cruzados, mas deu-lhe uma cotovelada razoável. — Para.

— Não posso. Tenho de me despachar. — E quando lhe desapertou o fecho das calças, estava a rir. Continuou a rir quando a sua boca cobriu a dela.

Se os pés não tivessem ficado emaranhados, ela teria sido capaz de lhe dar um pontapé, mas não era o que queria fazer na verdade. Mesmo quando ele a deitou em cima da secretária, o grito que deu não foi um grande protesto.

Meia despida, já a respirar com dificuldade, Eve apoiou-se nos cotovelos.

— Está bem, mas apressa-te.

Ele debruçou-se por cima dela e mordeu-lhe o queixo.

— Eu ouvi esse gemido.

— Era o som de um riso desdenhoso.

— Era? — Divertido, excitado, Roarke distraiu-a com uma mordidela no lábio inferior. — Nunca consigo ver a diferença. E que som é este?

— Qual som?

Ele entrou nela, com um movimento poderoso e profundo que lhe arrancou um grito de surpresa da garganta.

— Este. — Baixou a cabeça, saboreando o calor que a pele dela emanava, no instante em que as ancas se arqueavam para receber o movimento dele. — E este.

Eve esforçou-se para recuperar o fôlego.

— É tolerância — conseguiu dizer.

— Oh, bem, se é o melhor que conseguimos fazer. — Começou a recuar.

Eve elevou-se, envolvendo o corpo dele.

— Preciso de praticar a minha tolerância. — Afastou-lhe o cabelo do rosto com os dedos, depois cerrou as mãos. Os lábios curvaram-se, encontrando os dele.

Quando o comunicador de casa piscou, Roarke estendeu simplesmente a mão e colocou a chamada em espera.

Como se veio a revelar, Roarke não foi rápido, mas foi meticuloso. Quando Eve se sentiu suficientemente segura de que as suas pernas seriam capazes de suster novamente o corpo, saiu de cima da secretária e levantou-se, com as botas calçadas, a camisa aberta e o arnês dos ombros colocado.

Era absurdamente sensual, a sua polícia, pensou Roarke.

— Presumo que não possas aguardar um segundo, enquanto vou buscar uma câmara.

Ainda não completamente estável, Eve olhou para baixo, viu uma imagem razoavelmente nítida de si própria e sorriu.

— Acabou-se o recreio. — Baixou-se para subir as calças, mas teve de ficar simplesmente curvada. — Bolas, tu deixas-me mesmo zozna.

— Obrigado, querida. Não foi o meu melhor esforço, mas estava sob grandes constrangimentos temporais.

Eve levantou os olhos, ainda com as mãos nos joelhos. O cabelo dele estava desgrenhado dos dedos dela, os olhos de um tom de azul profundo, sonolentos com a satisfação.

— Talvez te deixe tentar novamente mais tarde.

— Tu és boa de mais para mim — disse, passando por ela e dando-lhe uma afetuosa palmada no traseiro. — É melhor arranjarmo-nos para o jantar.

Eve percebeu que o problema com os jantares com convidados era que uma pessoa não se podia limitar a sentar à mesa e pedir ao vizinho do lado que lhe passasse as batatas. Havia todo um ritual que devia ser observado, que incluía roupa adequada e acessórios, uma troca de amabilidades, mesmo que não se sentisse particularmente amável, e o consumo de álcool e de pequenas quantidades de comida antes da refeição, numa sala que não fosse a destinada para a refeição propriamente dita.

Segundo as suas estimativas, isto acrescentava uma hora ao evento, e nem sequer incluía a porção do interlúdio que tinha lugar depois da refeição.

Achava que se tornara razoavelmente hábil naquele tipo de cerimónias — não era tão suave como Roarke, mas também quem era? Ainda assim, não era preciso muito poder mental para agir como anfitriã de uma série de pessoas na sua própria casa, ainda que a sua mente se desviasse de vez em quando para outras atividades em que preferia estar envolvida.

Se conseguisse uma boa pista sobre a mala de viagem e o arame de prata, podia começar a estabelecer um padrão geográfico sobre Yost. Onde fazia compras, como as fazia. O que podia levar à questão de onde e como vivia.

O homem gostava de bifes, meio passados. Os bifes de primeira qualidade não eram baratos. Compraria ele a própria carne, ou comia em restaurantes?

Fosse de que maneira fosse, seria sempre topo de gama.

Tratar-se-ia ele com o melhor quando estava a trabalhar, ou seria um hábito diário?

Em que mais gastaria o seu dinheiro? Tinha bastante. Como acedia aos seus fundos? Se ela pudesse...

— Parece estar muito longe daqui.

— Como diz? — Eve concentrou-se em Magda e esforçou-se por clarear as ideias. — Desculpe.

— Não, não precisa de pedir desculpa. — Estavam sentadas nas almofadas sedosas de um dos sofás antigos da sala de estar formal. Nas orelhas de Magda e na cova do pescoço, brilhavam diamantes refulgentes e redondos como planetas. Bebeu um pequeno gole da bebida rosa pálida de um copo igualmente pequeno. — Tenho a certeza de que o que tem na cabeça é muito mais importante que esta nossa patetice. Estava a pensar na pobre rapariga que foi assassinada. Sabia que a minha suite fica mesmo por baixo daquela onde o crime se passou?

— Não. — Eve deixou que a informação lhe dançasse um pouco na cabeça. — Não sabia.

— Terrível. E ela era pouco mais que uma menina, não era? Julgo que a vi no corredor, na noite anterior, quando ia a sair do meu quarto. Deu-me as boas-noites e cumprimentou-me pelo meu nome. Não lhe dediquei mais do que um sorriso ausente, porque estava com pressa. Pequenos arrependimentos — murmurou Magda, — que não fazem a menor diferença.

— Ela estava sozinha? Ou viu alguém com ela? Recorda-se que horas eram? — No instante em que Magda pestanejou, Eve começou a abanar a cabeça. — Desculpe. Desculpe. São os vícios do trabalho.

— Não há o menor problema. Não reparei em mais ninguém, mas sei que eram sete e quarenta e cinco, porque estava aborrecida comigo própria por estar atrasada. É mesmo comportamento de diva. Tinha estado a falar com o meu agente acerca de um novo projeto que estou a ponderar.

Arruma o assunto, ordenou-se Eve.

— É um filme novo?

— É muito querido da sua parte perguntar, quando não está minimamente interessada. Sim, é um papel bom, forte. Mas não consigo dedicar a atenção devida a esta decisão enquanto o leilão não se realizar. Agora, quer que lhe fale dos seus convidados, ou o Roarke já a informou?

— Não tivemos muito tempo para isso — disse Eve, pensando no sexo rápido e impulsivo em cima da sua secretária. Quase sorriu.

— Ainda bem, assim tenho oportunidade de mexericar rapidamente consigo. O meu filho. — Olhou com afeto para o homem de cabelo dourado que estava junto à lareira, com o rosto bonito e sério. — O meu maior tesouro. Está a tornar-se um homem de negócios bastante sóbrio e estável — disse, plena de orgulho. — Não sei o que faria sem ele. Ainda não assentou para me dar os netos que tanto comecei a desejar, mas tenho esperanças que o faça. Não que veja Liza Trent no papel de minha nora — disse, com algum divertimento. — Ela é deslumbrante, claro.

Magda recostou-se e observou a loura curvilínea que se apoiava com a mão no braço de Vince e parecia estar atenta a cada palavra sua.

— É ambiciosa e uma atriz razoável. Mas não é o tipo de mulher de Vince para uma relação a longo prazo. Não é muito inteligente. Mas faz muito bem ao ego. Veja como olha para ele como se as palavras que lhe saem da boca fossem moedas de ouro.

— Não gosta dela.

— Não desgosto dela. Presumo que seja a mãe que há em mim que está a ficar impaciente para que Vince avance com a sua vida.

Não parecia que isso fosse acontecer para breve, pensou Eve. Vince Lane podia ser a menina dos olhos da sua mãe, mas aos olhos de Eve, ele parecia um pouco fraco.

No que dizia respeito à roupa, preferia o que estava na moda e era dis-

pendioso; na sua opinião, parecia demasiado elaborado e excessivamente vestido quando comparado com a elegância discreta de Roarke.

Mas também, o que entendia ela de moda?

— Depois temos Carlton Mince — continuou Magda. — Parece-se um pouco com uma toupeira, não parece? Abençoado. Trata das minhas finanças há mais anos do que os que consigo contar. Ajudou-me tremendamente com todos os detalhes da Fundação. É firme como uma rocha, o Carlton, e receio que para a maior parte das pessoas seja tão interessante como uma. A mulher dele, aquela senhora de vestido espantosamente feio e desadequado, chama-se Minnie. Minnie Mince, veja lá! Ela é a prova viva de que se pode ser demasiado magra e totalmente viciada em escultura corporal.

Eve sentiu-se sorrir afetadamente antes de conseguir parar. A verdade era que a mulher parecia um pau de virar tripas, exageradamente vestida, demasiado trabalhada com uma torre de cabelo vermelho garrido.

— Há vinte anos, era a contabilista dele — continuou Magda, — com um cabelo fraco e olho para o negócio. Há doze anos que é mulher dele. Ela conseguiu fazer um bom negócio, o Carlton, mas continua com um cabelo fraco.

Eve deu uma gargalhada.

— Isso é provavelmente uma maldade sua.

— Oh, provavelmente. Mas qual é a piada em falar das pessoas se só dissermos coisas boas? Uma pessoa olha para a Minnie e tem a certeza que o dinheiro não compra o bom gosto, mas ao mesmo tempo ela é perfeita para o Carlton. Ela fá-lo feliz, e uma vez que tenho um enorme carinho por ele, só por isso já gosto dela. Por fim, temos o encantador amigo irlandês de Roarke. O que me pode dizer sobre ele?

— Não muito. Eles cresceram juntos em Dublin e não se viam há uns bons anos.

— E você observa-o com uma expressão cautelosa.

— Observo? — Eve mexeu os ombros. Era bom lembrar que os atores eram um tipo de pessoas observadoras. Pelo menos os bons. — É provável que observe toda a gente dessa forma. Mais um vício da profissão.

— Não olha para este com olhos de polícia — comentou Magda à medida que Roarke atravessava a sala na direção delas.

— Minhas senhoras. — Num gesto ao mesmo tempo descontraído e íntimo, Roarke passou os dedos pelo ombro de Eve.

No mesmo momento, Summerset apareceu à porta a anunciar o jantar.

Durante a refeição, Eve confirmou que em termos gerais Magda era uma observadora astuta da natureza humana. Liza Trent dava risadas ou

franzia o sobrolho em grande concentração quando Vince falava. Para Eve, o facto de conseguir fazer de conta, convincentemente, que ficava fascinada com as suas entediantes observações, dava-lhe pontos enquanto atriz.

Carlton Mince era tão sossegado como a toupeira a que Magda o tinha comparado; falava em tons educados e discretos quando se dirigiam a ele, mas de resto passou a refeição inteira intensamente dedicado a cada um dos pratos. Quanto à mulher dele, Eve apanhou-a a examinar os talheres sub-repticiamente, em busca da marca do fabricante.

A conversa acabou por ir parar ao leilão e, nesse ponto, Vince parecia de facto saber do que falava.

— A Coleção Magda Lane de recordações teatrais não tem rival, principalmente no que diz respeito ao guarda-roupa. — Cortou delicadamente o pato prensado. — Na verdade, ainda tentei persuadi-la a limitar o leilão a esse tipo de artigo.

— Foi um único golpe — disse Magda com uma gargalhada. — Nunca consegui fazer as coisas pela metade.

— Isso é verdade. — O filho enviou-lhe um olhar caloroso, embora um pouco exasperado. — Ainda assim, guardar o vestido do *Pride's Fall* para último, vai encerrar o evento com uma nota positiva.

— Ah, lembro-me bem desse filme. — Mick deixou escapar um suspiro melancólico, amoroso. — A mimada e voluntariosa Pamela entra no salão de baile em Carlyle Hall com o seu brilhante vestido de deusa do gelo, desafiando qualquer homem a resistir-lhe. Os sonhos que tive naquela noite, depois de a ver com aquele vestido, Menina Lane, bem, iam deixar-lhe as faces coradas.

Obviamente deliciada, Magda inclinou-se na direção dele.

— Eu não coro com facilidade, Sr. Connelly.

Ele riu-se.

— Eu coro. Não lhe despedaça o coração, um pouco pelo menos, separar-se assim das suas memórias?

— Mas nunca me separo delas, apenas das ajudas visuais. E o que a Fundação poderá fazer com os lucros do leilão vai aquecer-me o coração.

— Manter todos aqueles vestidos protegidos e arquivados tem um custo bastante elevado para a terra — disse Minnie, ganhando o mais débil olhar desdenhoso de Magda.

— Enquanto antiga contabilista, tenho a certeza que vai concordar que, feitas bem as contas, o investimento é amplamente compensador.

— Inquestionavelmente. — Embora mantivesse a atenção concentrada no pato, Carlton acenou com a cabeça. — Só os benefícios fiscais com...

— Oh, não vamos falar de impostos, Carlton — disse Magda, levantando as mãos em sinal de rendição. — Não durante uma refeição tão agra-

dável. Só a ideia já me causa indigestão. Roarke, este vinho é um pecado. É das tuas castas?

— Mmm. O Montcart, de 49. Elegante — disse ele, levantando o copo contra a luz. — É um vinho polido com um ligeiro toque ácido. Achei que condizia consigo.

Magda quase ronronou.

— Eve, tenho de lhe confessar que estou desesperadamente apaixonada pelo seu marido. Espero que não me prenda por isso.

— Se isso fosse um crime neste Estado, teria três quartos da população feminina de Nova Iorque detida em celas.

— Querida. — Roarke olhou através da mesa, fitando os olhos de Eve. — Lisonjeias-me.

— Isto não foi lisonja.

Liza deu uma risada, como se não soubesse mais o que fazer.

— É tão difícil não sentir ciúmes quando se tem um homem bonito e poderoso. — Deu um apertão no braço de Vince. — Só me apetece arrançar os olhos às mulheres quando elas se atiram ao meu Vince.

— Ai sim? — Eve bebeu um gole do elegante 49, apreciando o travo amargo. — Eu cá limito-me a esmurrar-lhes a cara.

Enquanto Liza tentava decidir se fazia uma expressão chocada ou impressionada, Mick abafou uma gargalhada com o guardanapo.

— Pelo que vi, e ouvi, o Roarke já deixou de colecionar mulheres. Encontrou a joia de entre todas, uma com numerosas facetas e que brilha lindamente no estojo que ele tinha reservado. Agora, quando éramos rapazes, ele mal conseguia andar, com as raparigas todas a atirarem-se-lhe aos pés.

— Você deve saber histórias — disse Magda, dançando com os dedos nas costas da mão de Mick. — Histórias fascinantes. O Roarke é sempre tão misterioso acerca dos seus feitos passados. O que só aumenta a curiosidade.

— Sei muitas histórias e outras coisas mais. A bonita ruiva de Paris, França, que estava de visita a Dublin com o pai rico. Ou a bonita morena com um corpo adorável que lhe fazia scones duas vezes por semana só para lhe agradecer. Acho que se chamava Bridgett. Estou bem lembrado, Roarke?

— Estás, sim. Ela casou com o Tim Farrell, o filho do padeiro, o que pareceu agradar a toda a gente. — Lembrava-se com a mesma clareza que tinham roubado a ruiva de Paris — já não se lembrava do nome dela — enquanto ele a seduzia.

Ninguém ficara descontente com o resultado final.

— Bons velhos tempos — disse Mick com um suspiro. — Mas como sou um cavalheiro e amigo, não vou contar histórias antigas do meu companheiro. Roarke já não coleciona mulheres, mas foi sempre um grande

coleccionador. Correm rumores de que tens uma impressionante coleção de armas.

— Fui reunindo algumas aqui e acolá, ao longo dos anos.

— Pistolas? — perguntou Vince animado, enquanto a mãe revirava os olhos.

— O Vince sempre foi fascinado por pistolas. Levava os aderecistas à loucura sempre que eu estava a rodar um filme de época e me vinha visitar ao local de rodagem.

— Tenho algumas pistolas na minha coleção. Talvez gostasse de as ver.

— Adorava.

Era uma sala que emanava violência, com as armas que os homens desenvolveram para utilizar noutros homens. Lanças e lancetas, mosquetes, as Colt a que chamavam Pacificadoras e as autoexplosivas que ganharam relevância por entre as armas mais baratas durante as Revoltas Urbanas.

A localização elegante, com os tetos altos e os vidros brilhantes, não disfarçava o sombrio propósito de cada um dos objetos. Nem obscurecia o elementar e humano fascínio pela arte da autodestruição.

— Cristo. — Vince circulava pela sala. — Nunca vi nada assim a não ser no Smithsonian. Deve ter demorado anos a construir uma coleção destas.

— Alguns, sim.

Roarke reparou no olhar avaro de Vince em direção a um par de pistolas de duelo do século XIX. Amavelmente, usou o dispositivo portátil e o seu código para abrir a vitrina de vidro reforçado. Tirou uma das pistolas do suporte e passou-a ao filho de Magda.

— Linda.

— Ohh. — Liza estremeceu ligeiramente, mas Eve viu o desejo brilhante do seu olhar. — Não é perigosa?

— No seu estado atual, não. — Roarke ofereceu-lhe um sorriso e mostrou-lhe outra vitrina. — Aquela pequena ali, a que tem o cabo incrustado com pedras. Foi desenhada para a mão pequena e para a bolsa de uma mulher. Outrora pertenceu a uma viúva abastada que, nos dias conturbados do início do século, a levava sempre que dava os passeios matutinos com o seu lulu da Pomerânia. Diz-se que matou um assaltante infeliz, dois saqueadores, um porteiro pouco cortês e um Lhasa Apso com intenções carnavais no seu lulu.

— Deus do Céu. — Pestanas douradas agitaram-se por cima dos olhos violeta de Liza. — Ela matou um cão?

— É o que dizem.

— Eram tempos diferentes — disse Mick, observando uma semiautomática em alumínio brilhante. — É impressionante, não é — disse para Eve, — que qualquer pessoa com dinheiro no bolso e desejo no coração pudesse comprar uma destas armas a um simples balcão, ou por baixo da mesa, antes de as armas serem banidas?

— Sempre achei que era mais estúpido que impressionante.

— Não é defensora do direito de posse de armas, Tenente? — perguntou Vince, virando a pistola de duelos na mão. Imaginava que o seu aspeto naquele momento seria muito arrojado.

Eve olhou para a pequena e brilhante arma automática.

— Isso não foi concebido para defender. Foi concebido para matar.

— Ainda assim. — Com alguma relutância, Vince colocou a arma no suporte e dirigiu-se até ao local onde Eve estava com Mick. — As pessoas continuam a arranjar maneiras de as ter. Se assim não fosse, a senhora não tinha emprego.

— Vincent, estás a ser mal-educado.

— Não, não está — disse Eve, acenando com a cabeça. — Tem razão, as pessoas encontram sempre uma maneira. Mas já há alguns anos que não temos crianças perturbadas a chacinar outras crianças nos corredores das escolas, ou esposas meio adormecidas que disparam sobre os seus maridos enquanto estes tropeçam no escuro, ou bairros sitiados com os gangues que matam transeuntes despreocupadamente enquanto tentam matar os seus rivais. Julgo que o slogan antigo era “As Armas Não Matam as Pessoas, As Pessoas Matam as Pessoas”. E é verdade. Mas uma arma dá a essas pessoas uma grande ajuda.

— Não posso discutir com isso — interveio Mick. — Eu nunca gostei destas coisas feias e barulhentas. Agora, uma boa navalha... — Afastou-se até uma vitrina que continha algumas facas. — Pelo menos um homem tem de se aproximar o suficiente e olhar-nos nos olhos se quiser fazer-nos mal com uma destas. É preciso mais coragem para esfaquear um homem que está mesmo à nossa frente, do que para o alvejar ao longe. Mas eu, prefiro manter-me fiel aos meus punhos.

Mick afastou-se, com um sorriso rasgado.

— Uma boa briga, suada, resolve a maior parte das disputas e quase toda a gente consegue sair dela a cambalear para beber uma caneca a seguir. No nosso tempo, ainda partimos alguns narizes, não foi, Roarke?

— Provavelmente mais do que a nossa conta. — Roarke voltou a fechar a vitrina. — Café? — perguntou, suavemente.

Ele colocou a arma e olhou para o marido. Roarke estava a tomar um pequeno-almoço ligeiro na zona de estar do quarto de ambos. As notícias da manhã passavam num ecrã na parede e a cotação da bolsa passava numa intrigante série de códigos e números no computador de mesa.

O gato, *Galahad*, estava deitado ao lado dele, com um dos olhos bicolores esperançosamente fixo numa fatia de bacon irlandês que Roarke deixara esquecido no prato.

— Como consegues tu ter o aspeto de quem acabou de vir de uma semana de férias num spa? — perguntou Eve.

— Vivendo de maneira simples?

— O caraças. Sei que estiveste a pé até depois das três, a beber uísque e a contar mentiras com o teu amigo. Ouvi o riso tolo dele enquanto subiam os dois as escadas aos tropeções.

— Ele é capaz de ter ficado um pouco vacilante no fim da noite. — Virou-se para ela, com os olhos azuis límpidos e repousados. — Nunca me deixei afetar muito por um par de dedos de uísque. Desculpa se te acordámos.

— Não deve ter sido durante muito tempo. Já nem te ouvi chegar à cama.

— Primeiro tive de ir deitar o Mick.

— O que vais fazer com ele hoje?

— Ele tem os seus próprios negócios para tratar e vai desenrascar-se sozinho. Se precisar de mim, o Summerset pode dizer-lhe onde estou.

— Pensei que ias trabalhar a partir de casa.

— Não. — Roarke observou-a por cima da chávena de café. — Hoje não. Para de te preocupares comigo, Tenente. Já tens coisas suficientes no teu prato.

— Sendo que tu és a refeição principal.

Ele riu-se com a observação e levantou-se para lhe dar um beijo.

— Sinto-me muito sensibilizado.

— Não fiques sensibilizado. — Eve agarrou-lhe os braços de uma vez, com firmeza, para vincar a sua posição. — Mas tem cuidado.

— Vou fazer as duas coisas.

— Podes pelo menos usar um motorista? E a limusina? — Eve sabia que a limusina era reforçada e aguentava uma chuva de tiros.

- Sim, se te deixa mais tranquila.
- Obrigada. Tenho de ir andando.
- Tenente?
- O que foi?

Ele segurou-lhe o rosto entre as mãos, encostou suavemente os lábios à testa dela, às faces, à boca.

— Amo-te.

Tudo no interior de Eve se agitou, tremeluziu, se acalmou.

— Eu sei. Embora não seja uma ruiva francesa com o pai rico. Quanto lhe tiraste?

— Em que aspeto?

Ela deu uma gargalhada e abanou a cabeça.

— Deixa lá. — Mas ao chegar à porta, olhou novamente para ele. — Eu também te amo. Oh, e o *Galahad* acabou de comer o teu bacon.

Eve atravessou o átrio, mas ainda ouviu o suave tom de exasperação da voz de Roarke.

— Não falámos já sobre este tipo de comportamentos?

Fê-la sorrir um pouco enquanto descia os degraus apressadamente.

No fundo das escadas, à espreita, como gostava de pensar nele, estava Summerset. Segurava no casaco dela com um longo polegar e o dedo os-sudo.

— Vou presumir que estará em casa para a refeição da noite, a não ser que seja informado do contrário.

— Pode presumir o que quiser. — Pegou no casaco e olhou de relance para as escadas enquanto o vestia. — Vou precisar de si durante um minuto.

— Peço desculpa?

— Enfie essa atitude pelo nariz emproado acima — sugeriu Eve, mas manteve a voz baixa. Apontou um dedo para a porta da frente e abriu-a de rompante. — Vamos.

— Tenho várias tarefas para desempenhar no horário da manhã — começou por dizer Summerset.

— Silêncio. — Eve fechou a porta atrás de si e inspirou o ar doce da primavera. — Você está com ele há muito tempo e sabe tudo o que há para saber. Mas antes de mais, dê-me a sua opinião sobre o Mick Connelly.

— Eu não tenho o hábito de mexerica sobre os hóspedes cá de casa.

— Caramba. — Encostou um punho ao peito de Summerset, um gesto impaciente que o fez mostrar os dentes. — Eu estou com cara de quem quer mexerica? Alguém quer fazer mal ao Roarke. E não sei porquê, não sei qual é a intenção, mas anda alguém a tentar arranjar-lhe problemas. Dê-me a sua opinião sobre o Connelly.

Os olhos de Summerset, que se tinham tornado negros como ónix devido ao punho no seu peito, semicerraram-se. Estava a ponderar o pedido dela.

— Ele era selvagem, como todos os outros. Os tempos eram selvagens. Segundo sei, ele tinha uma vida familiar difícil, mas também todos eles tinham. Alguns mais do que outros. Ele estava por aqui quando comecei a trabalhar com Roarke. Era suficientemente educado, embora um pouco rude em essência. Esfomeado, mas todos eram esfomeados.

— Alguma vez se zangou com Roarke?

— Por uma ou duas ocasiões houve palavras mais inflamadas e punhos entre todos eles. O Mick teria cortado os dedos pelo Roarke. Qualquer um deles o teria feito. O Mick sempre o admirou muito. Em certa ocasião, o Roarke levou uma tarefa da Polícia em vez de Mick — acrescentou Summerset com um sorriso desdenhoso. — Quando Mick se atrapalhou depois de roubar qualquer coisa.

— Está bem. Pronto, então. — Eve estava um pouco mais tranquila.

— Isto é acerca da camareira.

— Sim. Quero que use esse seu enorme nariz para mais qualquer coisa que não seja empiná-lo para os seus inferiores. Investigue, o passado e o presente. Se encontrar uma pista sobre qualquer coisa, *qualquer coisa*, que não pareça bem, contacte-me. Você pode vigiar Roarke sem que ele se aperceba. Ele está à espera que você saiba sempre onde ele anda. Certifique-se de que isso acontece.

Summerset colocou uma mão no braço de Eve para evitar que ela se virasse.

— Ele corre algum tipo de perigo físico?

— Se achasse que era esse o caso, não sairia de casa, nem que para isso tivesse de o drogar e amarrar.

Obrigado a ficar satisfeito com aquela resposta, Summerset ficou a observá-la a descer os degraus até onde o cada vez mais delapidado carro cidadão estava estacionado.

Eve imaginou o vapor que lhe saía das orelhas enquanto marchava pela sala geral da esquadra até chegar ao seu escritório. A luz do comunicador piscava furiosamente indicando mensagens e o computador piscava com os dados acabados de chegar.

Ignorou-os a ambos e começou a revirar as gavetas.

— Chefe? O McNab...

— Quero uma arma laser — disse bruscamente a Peabody. — E uma armadura de corpo inteiro. — Tirou uma faca de combate de vinte centí-

metros da bainha de couro e observou, com satisfação, a lâmina dentada que refletia a luz do Sol vinda da pequena janela do escritório.

Peabody ficou de olhos arregalados.

— Chefe?

— Vou lá abaixo à Manutenção e vou armada até aos dentes. Vou acabar com aqueles merdosos filhos da mãe, um por um. Depois vou enfiar o que restar dos corpos deles no meu veículo e deitar-lhe fogo.

— Cristo, Dallas, pensei que tínhamos um código vermelho.

— Eu tenho um código vermelho. — Os seus olhos viraram-se para Peabody. — Andei menos de oitenta quilómetros no meu carro desde que aqueles caras de cu mentirosos e choramingas disseram que estava pronto para andar na estrada. Pronto para andar na estrada? Queres que te diga como está pronto para andar na estrada?

— Gostava muito, Tenente. Se guardares primeiro a faca.

Com um último impropério de raiva, Eve enfiou a lâmina na bainha.

— Começou a engasgar-se enquanto estava parada num semáforo. Eu ali, simplesmente parada quando o carro começou a dar coices como...

— Uma mula?

— Provavelmente. Pedi para fazer um diagnóstico e sabes o que ele fez? Foi buscar os mapas com direções até à morgue. Mas isto é alguma piada parva?

Os lábios de Peabody estremeçeram. Mordeu o interior da bochecha com força.

— Não sei dizer, chefe.

— Depois começou a soluçar e desligou-se. Consegui pô-lo a trabalhar novamente. Mais dois quarteirões e começou aos soluços. Sabes, aos soluços como...

— O monstro de Frankenstein?

Já sem energia, Eve deixou-se cair em cima da cadeira.

— Eu sou tenente. Sou uma oficial com patente. Porque não consigo que me arranjem um carro como deve ser?

— É o triste estado das coisas. Chefe, se me permites a sugestão, em vez de ires lá a baixo com o laser na mão, podias tentar usar cerveja. Cair nas boas graças com algumas pessoas da equipa lá de baixo. Ser simpática.

— Ser... *simpática*? Preferia engolir uma cobra viva. Liga lá para baixo. Diz-lhes que preciso do meu veículo arranjado e em condições dentro de uma hora.

— Eu? — Os olhos de Peabody arderam com o que podiam ser lágrimas. — Oh, caraças. Antes de ir lá abaixo para me rebaixar, deixa-me dizer que já apertámos um pouco o cerco ao arame de prata e à mala de viagem.

— Por que raio não me disseste isso logo? — Eve virou-se imediatamente para o computador.

— Não sei o que me deu, Tenente. Para estar aqui a tagarelar como uma fala-barato. — Quando isto não lhe valeu resposta, Peabody suspirou e voltou ao seu cubículo, para regatear com a Manutenção.

— Muito bem, muito bem, o que temos aqui?

Eve deu ordem para que as informações aparecessem no ecrã. Havia inúmeras fontes de e para compra de arame de prata que coincidiam com aquele que fora usado como arma do crime. Mas quando se filtrava através do comprimento de sessenta centímetros e múltiplos, o número descia para dezoito a nível global e seis a nível nacional. Havia uma única compra de quatro porções de sessenta centímetros, paga com dinheiro, de um vendedor por atacado em Manhattan.

— Aqui mesmo. Quanto apostamos que compraste isto aqui mesmo? A vinte quarteirões do local do crime?

Enquanto lia as informações sobre a mala de viagem, um sorriso rasgado comprimiu-lhe os lábios. Havia milhares de transações de compra daquele tipo de mala desde janeiro, mas pesquisando apenas as quatro últimas semanas, Eve encontrou menos de uma centena. E das cerca de doze compradas na cidade de Nova Iorque, apenas duas coincidiam no mesmo dia em que o arame tinha sido comprado. Apenas uma tinha sido paga com dinheiro.

— Não há coincidências — murmurou Eve. — Compraste o material aqui mesmo. Agora, por que motivo havia um homem de comprar uma mala se já tinha feito a viagem? Não houve viagem nenhuma. Já estavas na cidade.

Perucas, pensou, virando-se para a pesquisa de Peabody.

— Cristo, por que motivo as pessoas não se limitam a deixar crescer o próprio cabelo? — Nos últimos seis meses tinham saído literalmente milhões de perucas, postiços, extensões, enchimentos e penugens dos salões e fornecedores.

Se incluísse os alugueres, o número mais do que triplicava.

Paciente como um gato à espera de um rato, foi então buscar a imagem de Yost no exterior da suite, evidenciou a cabeça e os ombros, eliminou o rosto e ordenou ao computador que fizesse uma imagem de trezentos e sessenta graus, depois inseriu o resultado no banco de dados.

— Computador, listar apenas as compras pagas com dinheiro de perucas de cabelo humano que condigam com a imagem atual.

A processar... quinhentas e vinte e seis compras, a dinheiro, do produto na imagem durante o período solicitado. a listar...

Enquanto o computador cuspi as localizações dos fornecedores e a data da compra, Eve seguia o ecrã.

Salão Paraíso, retalhista, Quinta Avenida, Nova Iorque, três de maio.

— Espera. E temos um vencedor. Este menino andou muito ocupado naquele dia, a fazer compras pela cidade toda. Computador, listar quaisquer outras compras neste talão.

A processar... além da peruca do cabelo humano, do modelo Cavaleiro Distinto, o recibo inclui a compra de uma peruca de cabelo humano, do modelo Capitão Garanhão; dois frascos de trezentos mililitros de produto de tratamento de perucas, da marca Sampson; um frasco de trezentos mililitros de colagénio para o rosto, da marca Juventude; uma unidade de cada de tinta temporária para olhos, da marca Wink, nas cores azul-viking, névoa-marinha, e creme de caramelo; um produto dietético, de marca Fat-zap para homem; e duas velas aromáticas com aroma a madeira de sândalo de dez por vinte centímetros. O total das compras foi de oito mil, quatrocentos e vinte e seis dólares e cinquenta e oito cêntimos, incluindo todos os impostos aplicáveis.

— É muito dinheiro — matutou Eve, — mas por que motivo havia de deixar um rasto de papel, ainda que seja falso, se não for necessário? Computador, adicionar a imagem da peruca Capitão Garanhão ao ficheiro. Copiar a morada da loja onde foi comprada a mala, o salão e o fornecedor de joias para o meu comunicador portátil.

Enquanto o computador cumpria a tarefa, Eve virou-se para o comunicador. Viu que tinha trinta e duas chamadas desde que se fora embora no dia anterior. A probabilidade era que a maioria fosse de jornalistas que procuravam uma declaração ou pista.

Era tentador apagá-las simplesmente, mas até Peabody lhe dar notícias de que o carro estava em condições de andar, tinha algum tempo para matar.

Começou a passar revista pelas mensagens, transferindo automaticamente os pedidos habituais da comunicação social para a secção de Relações de Comunicação Social da Polícia de Nova Iorque. Até receber instruções em contrário, vindas diretamente do comandante, não ia falar à imprensa.

Parou na transmissão de Nadine Furst, a estrela do Canal 75 e uma amiga pessoal de Eve.

— Ainda não, amiga — murmurou, mas respondeu à mensagem com um atraso programado. Assim, quando Nadine a recebesse, já estaria na rua.

— Não vale a pena chateares-me — disse Eve. — Ainda não tenho nada que possas usar. A investigação está a decorrer, todas as pistas estão a ser perseguidas com diligência, e blá, blá, blá. Conheces a rotina. Quando e se tiver alguma coisa para ti, entro em contacto contigo. Se me atafulhares de mensagens, não vou sentir-me lá muito amistosa.

Satisfeita com a resposta, Eve programou-a para seguir dentro de sessenta minutos. Usou vinte deles a atualizar o relatório e a transmiti-lo ao comandante.

Tinha acabado de se afastar da secretária para pegar no casaco quando a chamada do Comandante Whitney chegou.

Com toda a naturalidade, questionou Peabody a caminho do escritório do comandante.

— E a Manutenção?

— Bem, sabes como eles têm as rotinas certinhas e direitinhas lá em baixo.

Eve entrou na passadeira deslizante e fez um olhar carrancudo.

— Mencionaste as armas laser?

— Achei melhor reservar essa possibilidade, chefe. — Assim como também achou melhor não mencionar os comentários jocosos sobre a folha de registos de uma certa tenente no que dizia respeito aos veículos e equipamentos. — Mas deixei a prioridade do atual caso bastante clara e indiquei que o Comandante Whitney franzia o sobrolho ao saber que os seus oficiais andavam na rua com veículos merdosos.

— Foi bem pensado.

— Desde que ninguém lá de baixo lhe ligue para verificar. Sabes, Dallas, podias pedir ao Comandante para os pressionar um pouco.

— Não vou choramingar para o meu superior hierárquico nem puxar dos galões.

— Mas não te importas que eu o faça por ti — resmungou Peabody.

— Pois não. — Ligeiramente mais bem-disposta, Eve mudou da passadeira para o elevador. — Faça-te uma atualização do ponto em que estamos no caso, quando fizer o relatório oral a Whitney. Acho que o nosso homem tem uma pequena toca aqui mesmo em Nova Iorque.

— Aqui?

— Sim. — Animada, Eve saiu do elevador no piso de Whitney.

Uma vez que foi chamada diretamente com um aceno, Eve deu apenas uma pequena batida na porta do comandante e depois entrou.

Ele estava sentado atrás da secretária e não se levantou. Era um ho-

mem corpulento com um rosto escuro e quadrado, ombros largos, cabelo a ficar rapidamente grisalho e olhos que continuavam tão atentos como quando andava nas ruas.

Estavam mais duas pessoas no escritório, um homem e uma mulher. Também nenhum deles se levantou, mas ambos a observaram atentamente. Como Eve a eles.

Os fatos monótonos pretos com gravatas bem apertadas junto ao pescoço, os sapatos de qualidade com um brilho militar e o olhar frio e atento denunciaram-nos.

Federais. Merda.

— Tenente, Agente. — Whitney inclinou a cabeça e manteve as mãos grandes dobradas em cima da secretária. — Os Agentes Especiais James Jacoby e Karen Stowe. Do FBI. A Tenente Dallas é a investigadora principal no homicídio de Darlene French. A Oficial Peabody é a sua assistente. O FBI tem algum interesse no seu caso, Tenente.

Eve não disse nada e manteve-se de pé.

— O Serviço, em cooperação com outras agências de cumprimento da lei, tem andado a perseguir o indivíduo Sylvester Yost há alguns anos, por vários crimes cometidos, incluindo homicídio.

Eve enfrentou os olhos de Jacoby.

— Já me apercebi disso através da minha investigação.

— O Serviço espera a colaboração da Polícia de Nova Iorque nesta busca. A Agente Stowe e eu próprio vamos investigar o caso a partir dos escritórios de Nova Iorque.

— A Agente Stowe e o senhor são certamente livres de investigar o vosso caso onde mais lhes convier. Mas não vão investigar o meu caso a partir de local nenhum.

Jacoby tinha olhos castanhos, escuros e convencidos.

— As atividades de Yost recaem sob a tutela federal.

— O Yost não é propriedade exclusiva do FBI, Agente Jacoby, nem da Global ou da Interpol, nem da Polícia de Nova Iorque. Mas a investigação do homicídio de Darlene French é da minha responsabilidade e vai continuar a ser.

— Se quiser continuar ligada a este caso, Tenente, é melhor rever a sua atitude.

— Se quiser continuar neste escritório — interrompeu Whitney, — será mais prudente que reveja a sua também, Agente Jacoby. A Polícia de Nova Iorque está preparada para colaborar com o FBI no que diz respeito ao suspeito Yost. Mas não está disposta a substituir a Tenente Dallas como investigadora principal do caso de homicídio de Darlene French. A vossa jurisdição tem limites. Seria inteligente da sua parte lembrar-se que limites são esses.

Jacoby virou-se para Whitney, com uma postura agressiva, o olhar inflamado.

— A ligação da sua investigadora principal com o indivíduo Roarke, que pode estar ou não ligado a este homicídio, e que há muito que está sob o olhar federal como suspeito de várias atividades ilegais, faz dela uma escolha pouco acertada para encabeçar esta investigação.

— Se vai fazer acusações, Jacoby, arranje provas para as consubstanciar. — Foi necessária toda a força de Eve para manter a voz controlada. — Gostaria de ter acesso ao registo criminal do indivíduo Roarke neste preciso instante?

— Sabe muito bem que ele não tem registo criminal. — Jacoby levantou-se. — Se quer dormir com um homem que já geriu todos os negócios ilícitos de que há registo e continuar a usar o seu distintivo, isso é consigo. Mas...

— Jacoby. — Stowe levantou-se também, colocando-se delicadamente entre o parceiro e Eve. — Por amor de Deus. Vamos manter os aspetos pessoais fora disto.

— Uma excelente sugestão. — Whitney afastou-se da secretária também, levantando-se. — Agente Jacoby, vou ignorar esse ataque inapropriado à minha oficial. Desta vez. Se se repetir de algum modo ou forma, darei conta da sua conduta aos seus superiores. O vosso pedido para cooperação e informação de todos os dados referentes ao caso de Darlene French descobertos pela minha Tenente e a sua equipa de investigação será levado em conta, depois de o dito pedido ser submetido formalmente, por escrito, pelo seu comandante. Esta reunião acabou.

— O Serviço tem peso suficiente para tomar conta desta investigação.

— Isso é discutível — respondeu Whitney. — Mas esteja à vontade de submeter a papelada necessária para esse fim. Até esse tempo chegar, deixe-me sugerir-lhe que se abstenha de vir ao meu território insultar este escritório e os meus oficiais.

— Peço desculpa, Comandante Whitney. — Stowe disparou um olhar na direção de Jacoby para o avisar de que ficasse calado. — E agradecemos o seu tempo e consideração. — Deu um encontrão não tão subtil ao parceiro para o encaminhar para a porta.

— Pense um minuto — aconselhou Whitney quando a porta se fechou atrás deles, — antes que diga alguma coisa de que venha a arrepender-se.

— Asseguro-lhe, Comandante, de que não poderia arrepender-me de nada que dissesse neste momento. — Mas inspirou profundamente. — Agradeço o seu apoio.

— O Jacoby pisou o risco. Já vinha a pisar quando aqui entrou a pensar que podia exibir as suas credenciais federais para cima de mim. Se pedir cooperação como deve ser, é isso que vai obter. Mas não vai tomar conta do seu caso. Pode ter de trabalhar lado a lado com o Jacoby e a Stowe. Constitui um problema para si?

— O problema não vai ser meu. Chefe.

Um sorriso pairou em volta da boca de Whitney antes de acenar com a cabeça e se sentar novamente.

— Ponha-me ao corrente da situação.

Foi o que Eve fez, de modo tão meticuloso e conciso como tinha feito com o relatório escrito. Enquanto falava, viu os lábios de Whitney a contraírem-se, o sobrolho a erguer-se. Foram as suas únicas reações.

— E nestes anos todos, os tipos do FBI não conseguiram localizar Yost em Nova Iorque?

— Podem ter conseguido, chefe, mas isso não vem em nenhum dos dados a que tive acesso. Eles seguiram o rasto do arame, mas não até este ponto, com comprimento e pontos de venda específicos. Não consigo entender como uma coisa tão básica pode ter sido negligenciada. A mala de viagem e a peruca, aplicam-se diretamente ao caso French. Mas o mais provável é que ele repita este padrão, ou com variações ligeiras noutras alturas. O processo do FBI sobre o sujeito é intrincado e meticuloso, motivo pelo qual ainda tenho de pedir um relatório à Dra. Mira. Pretendo fazê-lo, como corroboração, e acompanhado pelas informações adicionais que acumulei.

— Cubra esse aspeto e certifique-se de que tem toda a documentação e papelada de cada passo que dá. O Jacoby pode ser do tipo que a vai tentar enforcar com meros pormenores técnicos. No que diz respeito aos meios de comunicação social, quero-a discreta. O tom deste caso lança uma sombra sobre Roarke, o que por sua vez lança uma sombra sobre si. Não quero que preste quaisquer declarações até estar autorizada a fazê-lo.

— Sim, chefe.

— Não fique assim tão convencida. Vai ser atirada aos cães da comunicação social antes que tudo isto acabe. Não tem pistas, imagino, sobre quem pode estar a puxar os cordelinhos nisto, ou porquê?

— Não, chefe.

— Então mantenha a sua atenção em Yost. Descubra-o. Pode ir embora.

— Sim, chefe. — Eve virou-se para a porta, um passo atrás de Peabody.

— Dallas?

— Sim, Comandante?

— Julgo que pode dizer a Roarke para esperar um pouco de pressão do FBI.

— Entendido. — Caminhou em passos largos até ao elevador e resistiu ao impulso de dar um pontapé na parede. — Ela não é mais do que uma ferramenta para ele. A Darlene French para o Jacoby — resmungou. — Não é mais humana para ele do que era para o Yost. Filho da mãe.

— Ela tem-te a ti, Dallas.

— É isso mesmo. E vai continuar a ter. — Eve começou a entrar no elevador, mas depois viu Stowe. — Desapareça-me da frente.

Stowe levantou uma mão em gesto de tréguas.

— O Jacoby já foi para o escritório. Só preciso de um minuto. Desço consigo.

— O seu parceiro é um cara de cu.

— Só durante metade do tempo. — Stowe tentou sorrir. Era uma mulher esguia, a meio dos trinta, que dava o seu melhor por aprimorar o uniforme federal com um cabelo bonito cor de mel. Os olhos eram um pouco mais escuros e diretos. — Escute, quero pedir desculpa pelas observações e atitude de Jacoby. — Deixou escapar um suspiro. — E por muito sinceras que sejam, as minhas desculpas não servem de nada.

— Talvez sirvam de alguma coisa, mesmo que não pareçam sinceras.

— É justo. Enfim, quando se tira a fita vermelha, somos todos polícias e andamos todos atrás da mesma coisa.

— Andamos?

— Yost. Vocês querem apanhá-lo, nós também. A si importa-lhe quem lhe fecha a porta da cela?

— Não sei. Vocês tiveram muitos anos para lhe fechar a porta. Quase tantos quantos o que Darlene French pôde viver.

— É verdade. No entanto, eu pessoalmente tive apenas três meses e dos três talvez um em horas de trabalho para assimilar toda a informação sobre o Sylvester Yost. Se o que sei a aproximar de o apanhar, entrego-lhe o que tenho.

Quando as portas se abriram na garagem, Stowe olhou para fora do elevador. Ia ter de subir para o piso do átrio principal.

— Estou apenas a pedir-lhe para não deixar que o temperamento de Jacoby se meta à frente do objetivo de tudo isto. Acho que nos podemos ajudar mutuamente.

Eve saiu, mas virou-se e manteve a mão na porta para impedir que se fechasse.

— Mantenha o seu parceiro com rédea curta e vou considerar a sua proposta.

Deixou as portas fecharem-se e caminhou até ao seu lugar de estacionamento. A sua unidade verde-ervilha estava parada, amolgada, cheia de

cicatrizes e com um *smiley* amarelo que algum engraçadinho da Manutenção tinha pintado no exterior da janela de trás.

Foi provavelmente uma coisa muito boa o facto de Eve não ter com ela a tal arma laser.